



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA**

RELAÇÕES HUMANAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES SOB O ENFOQUE DA PSICOLOGIA DIALÓGICA

SAMANTHA COUTO RODRIGUES

**BRASÍLIA-DF
JUNHO/ 2010.**

SAMANTHA COUTO RODRIGUES

**RELAÇÕES HUMANAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO
NA PÓS-MODERNIDADE: REFLEXÕES SOB O
ENFOQUE DA PSICOLOGIA DIALÓGICA**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB
como requisito básico para obtenção do
grau de Psicólogo da Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde.
Professor-orientador: Valéria Mori.

Brasília-DF, junho de 2010.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora
composta por:

Prof. Valéria Deusdará Mori, Dr. Psicologia

Prof. José Bizerril Neto, Dr. Antropologia

Prof. Tatiana Lionço, Dr. Psicologia

A Menção Final obtida foi:

Brasília-DF, Junho de 2010.

Dedico este trabalho à minha família e especialmente aos meus pais, que me deram asas e coragem para lançar-me em busca do constante desafio que é o conhecimento.

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo aos meus pais, que me ensinaram o valor da responsabilidade, do discernimento e do comprometimento, ajudando-me a crescer e a tomar as minhas próprias decisões.

À minha mãe, eterna amiga e companheira, que sempre esteve atenta aos ciclos da minha vida, me apoiando e escutando. Com seu amor e aceitação aprendi a confiar em mim mesma e a ter coragem para lutar pelos meus sonhos.

Ao meu pai, que me ensinou a importância dos limites e da força de vontade. Obrigada por ter acreditado em mim e por ter me proporcionado oportunidades de buscar e amar o conhecimento.

Ao meu marido, companheiro e amigo Lucas, pela dedicação, apoio e paciência. Sua presença e carinho foram fundamentais para que eu pudesse percorrer o caminho com persistência e entusiasmo.

Agradeço também aos amigos de faculdade, em especial Suzana, Sandra e Ellana, mulheres de garra que admiro e respeito. Obrigada pela amizade e companheirismo, pelos sonhos e angústias compartilhadas. Vocês tornaram a Academia um lugar ainda mais estimulante e encantador.

Aos clientes que atendi nos estágios supervisionados oferecidos pelo CENFOR, homens e mulheres que me fizeram ver o melhor de mim, me ensinaram e fortaleceram ainda mais o meu imenso amor pela Psicologia.

Agradeço ainda a todos os professores responsáveis pela minha formação, em especial Carlene Tenório, Cynthia Ciarallo, José Bizerril, Otávio Abreu e Valéria Mori, mestres que influenciaram sobremaneira a minha maneira de ser e viver no mundo. Mais do

que educadores, vocês são alicerces que sustentam a minha constante construção profissional e pessoal.

A todos vocês, muito obrigada!

“A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... - mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só - na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.”

Cecília Meireles (1982)

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A PÓS-MODERNIDADE	14
1.1 Do desenvolvimento da modernidade à sociedade de consumo pós-moderna	14
1.2 O apogeu do individualismo	19
1.3 Tempos efêmeros	25
CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES HUMANAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO	29
2.1 Em busca de si: o homem sem identidade	29
2.2 Solidão	34
2.3 Fragilidade dos laços afetivos e vazio emocional	38
CAPÍTULO 3 – A ABORDAGEM DIALÓGICA	42
3.1 Considerações epistemológicas iniciais	42
3.2 A psicologia dialógica e o processo terapêutico	46
3.3 Sofrimento psíquico e as relações humanas: reflexões	52
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE MIDIÁTICA: “WALTER”	58
4.1 O seriado <i>In Treatment</i>	58
4.2 História de vida e principais queixas apresentadas	59
4.3 Análise dos diálogos apresentados	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	75

RESUMO

O desenvolvimento da sociedade pós-moderna deu-se a partir das diversas transformações ocorridas no século XX e que englobam aspectos como a cultura, ética, política, economia e relações pessoais. Com a valorização da cultura de consumo presente na atualidade evidencia-se a exacerbação do individualismo e da busca pelo prazer imediato, nas quais o sujeito se depara com relações afetivas efêmeras, solidão e vazio emocional, permeado por uma incessante busca pelo sentido de ser e estar no mundo. Diante deste contexto, a psicologia dialógica traz reflexões acerca das relações humanas no mundo contemporâneo, as quais prezam mais pela utilidade e objetividade do que pelo encontro genuíno entre as pessoas. Este trabalho trata, portanto, da problemática relacionada ao sofrimento psíquico na pós-modernidade e a tentativa da psicoterapia de abordagem dialógica em resgatar o diálogo perdido, a fim de que as relações intra e interpessoais possam emergir e se tornar mais saudáveis e gratificantes.

Palavras-chave: pós-modernidade, diálogo, existencialismo, relações humanas.

ABSTRACT

The development of post modern society took place from the several transformations that occurred in the twentieth century, that embody aspects such as culture, ethics, politics and personal relationships. With the consumption culture valuation present in the today's society it evinces the exacerbation of individualism and the search for instantaneous pleasure, in which the subject comes across ephemeral relationships, solitude and emotional emptiness, permeated by an unceasing search for the meaning of being and existing in the world. Facing this context, the dialogical psychology presents reflections on human relations in the contemporary life, whose regard more for the utility and objectivity than to the genuine encounter between people. This dissertation relates to, therefore, to the psychic suffering related to the post modernity and the psychotherapy on dialogical approach, attempt to reclaim the missing dialogue between people, so that the intra and interpersonal relationships can emerge and become more healthy and rewarding.

Keywords: Post modernity, dialogue, existentialism, human relations.

Compreender o sentido da acepção “pós-modernidade” empregada neste trabalho, implica em analisar de que forma o modo atual de organização da sociedade foi estabelecido e quais são as implicações advindas deste estilo de vida contemporâneo, levando-se em consideração as atitudes e comportamentos humanos como reflexos destas novas tendências sociais.

Nesse sentido, Berman (1987) esclarece que as intensas transformações ocasionadas pela era industrial, no final do século XIX e início do século XX, tais como a crescente evolução científica e tecnológica, o uso cada vez mais veemente de maquinários e a aceleração do ritmo de vida do trabalhador, alteraram drasticamente o modo como as pessoas passaram a relacionar-se entre si, dando início a uma sociedade voltada para o consumo.

Desta maneira, o capitalismo avultado após a era industrial produziu na atualidade produtores e consumidores, não apenas de bens de consumo, mas também de relações, as quais se tornam na pós-modernidade, frágeis e descartáveis (Bauman, 2000). O consumidor nunca está satisfeito e tende sempre para as novidades que o mundo do consumo oferece constantemente. Investir em relações, sejam elas sociais, familiares ou amorosas, tornou-se dispendioso e sem prioridade.

Conforme dispõe a literatura sociológica, o consumo é um dos fatores mais importantes para exemplificar a pós-modernidade, de forma que até mesmo os relacionamentos atuais baseiam-se na lógica de mercado: a outra pessoa é concebida como “produto” que pode ser obtido, descartado ou trocado sem muita dificuldade (Lipovetsky & Charles, 2004).

Além disso, o consumo está intimamente relacionado à transitoriedade e à ausência de compromisso com o “bem adquirido”. Há hoje em dia uma incrível facilidade em iniciar e finalizar relações, as quais têm se transformado em fonte de ansiedade e ambivalência para os indivíduos contemporâneos. De acordo com Bauman (2007), as pessoas estão desaprendendo

a se relacionar, tornando-se cada vez mais angustiadas, solitárias e sedentas de contato, ao mesmo tempo em que não querem abrir mão da liberdade e autonomia que a pós-modernidade lhes trouxe.

Ser livre na sociedade atual perpassa também a problemática da construção da identidade, pois assim como os consumidores estão sempre ávidos pelas novidades e alternativas oferecidas pela sociedade de consumo, os indivíduos também adquirem e descartam identidades como trocam de roupa, capacitando-se a ser tudo o que quiserem ser, da forma que desejarem (Lash, 1990).

Contudo, esta liberdade leva a um grande paradoxo vivenciado no mundo atual: há o prazer de escolher a melhor e mais adequada maneira de ser e estar no mundo, mas persiste ainda um sentimento de angústia e desgaste emocional, levando as pessoas a se sentirem apenas mais uma mercadoria disponível no mercado de consumo.

Este contexto, baseado no consumo exacerbado e na ênfase da liberdade individual, favoreceu a proeminência do “ter” em detrimento do “ser”, levando os indivíduos a voltarem-se mais para si mesmos do que para a relação com os outros. Este foco demasiado nas próprias necessidades, de acordo com Sennett (1988) é uma constante da pós-modernidade, na qual a busca pela satisfação pessoal é colocada em primeiro plano, mesmo que para isso os laços afetivos e sociais percam em importância e intensidade.

Cabe ressaltar que durante muito tempo a psicologia esteve à mercê de temas relacionados aos aspectos sociais e suas consequências psíquicas e emocionais para os indivíduos. Contudo, observa-se uma crescente preocupação de psicoterapeutas e teóricos da psicologia em incluir no processo terapêutico a subjetividade própria do sujeito, incluindo assim toda a gama de aspectos que compõem a sua vida (Neubern, 2004).

Desta maneira, este trabalho visa inicialmente compreender as transformações ocorridas no desenvolvimento da pós-modernidade e que incorreram em profundas mudanças

no sistema relacional humano, de forma a contribuir - no que concerne à atuação da psicologia, para a compreensão de questões que afetam o desenvolvimento humano e as relações da pessoa consigo mesma e com o mundo.

Nesta perspectiva, este trabalho traz ainda reflexões da psicologia de abordagem dialógica no que se refere às relações estabelecidas pelos indivíduos pós-modernos, os quais supervalorizam o individualismo, relegando o contato com outro a um propósito ou objetivo dirigido. Este bloqueio do encontro saudável e verdadeiro incide em uma veemente e endêmica “alienação dos outros, de nosso próprio *self* e da natureza” conforme versam Hycner e Jacobs (1997, p. 16), levando os indivíduos a experienciarem intenso vazio emocional, solidão e relações humanas frágeis e insatisfatórias.

Ressalta-se que a abordagem dialógica visa resgatar o diálogo genuíno que se perdeu no decorrer do desenvolvimento da pós-modernidade, levando o indivíduo que se encontra psicologicamente fragmentado a conscientizar-se dos próprios sentimentos e emoções, tornando-se capaz de questionar sua posição no mundo para posteriormente, assumir uma relação plena e saudável consigo mesmo e com os outros indivíduos (Hycner, 1995).

A abordagem dialógica é uma atitude basicamente existencial que define um “modo de ser” voltado para a relação com o outro, respeitando sua alteridade e história de vida. No âmago desta abordagem reside um profundo respeito pela existência humana, visando através do real encontro entre as pessoas, a transformação pessoal. Conforme versam Hycner e Jacobs (1997), a atitude dialógica trabalha por uma mudança radical no estilo de vida individualista atual para a compreensão de que “somos todos fios de um tecido inter-humano” (p. 31).

Nesta perspectiva, este trabalho pretende abordar questões referentes às relações humanas tal como se estabelecem na atualidade, focadas excessivamente na objetividade e na fragilidade dos vínculos emocionais com as outras pessoas, além de discorrer sobre os

princípios norteadores da psicologia dialógica, estruturada pela relação de mutualidade e singularidade estabelecida entre terapeuta e cliente.

Objetiva-se, ainda, refletir sobre o papel do terapeuta de abordagem dialógica no que concerne ao resgate do contexto relacional perdido na pós-modernidade, além da necessária habilidade do terapeuta em estabelecer relações diretas, abertas e mútuas com seu cliente, valorizando a plenitude e a riqueza da existência humana.

O coração do homem anseia por contato – acima de tudo, anseia por diálogo genuíno. Ansiamos ser genuinamente valorizados por quem somos e mesmo pelo que somos. O ser de cada um de nós precisa ser reverenciado, por nós mesmos e também pelos outros. Sem isso, não estamos inteiros, não somos completamente nós mesmos (Hycner & Jacobs, 1997, p. 15).

CAPÍTULO 1

A PÓS-MODERNIDADE

“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (Berman, 1987, p. 15).

1.1 Do desenvolvimento da modernidade à sociedade de consumo pós-moderna

Tratar da civilização pós-moderna é adentrar em uma discussão acerca do modo de se pensar a sociedade, abrangendo as diversas transformações que vêm ocorrendo na civilização contemporânea e considerando suas diversas dimensões, dentre as quais destacamos a cultura, ética, política, estética, economia e as relações intra e interpessoais. A discussão acerca destes aspectos de nossa atualidade torna-se imprescindível para todos aqueles que buscam aprofundar a compreensão do que muitos estudiosos chamam de *zeitgeist*, termo alemão que define o “espírito de uma época” ou os “sinais dos tempos” (Jameson, 1997).

Entretanto, não há no meio acadêmico consenso acerca da caracterização da “pós-modernidade”; existe uma variada gama de termos utilizados para defini-la, das quais se destaca: “modernidade líquida” na concepção de Bauman (2000), “hipermodernidade” conforme Lipovetsky e Charles (2004) ou mesmo “sociedade do espetáculo” de acordo com Debord (1997).

Bauman (2000) contextualiza a modernidade líquida comparando-a aos fluidos, os quais preenchem um espaço apenas por certo momento. Assim como os líquidos, a pós-

modernidade conta com o tempo para proceder à mobilidade e à inconstância. A realidade e a cultura não são sólidas e precisas, tudo é volátil e muda a qualquer tempo. Esta é a leveza que os tempos pós-modernos apregoam. Desta maneira, diz-se que na pós-modernidade a efemeridade, a transitoriedade, a velocidade acelerada e a flexibilidade permeiam as relações sociais, fomentando o consumismo e tornando os laços afetivos cada vez mais frágeis.

Para Lipovetsky e Charles (2004) a cultura de consumo em massa e o hedonismo, manifestados pela expressão do amor-próprio, da realização individual e dos desejos subjetivos é que fundamentam a hipermodernidade, caracterizada pela necessidade de consumo exacerbado e pela busca do luxo que precede a distinção social e o *status quo*. Desta maneira, a busca pelo prazer imediato, a prevalência do individualismo e os excessos são características plenas de nossa sociedade.

Ademais, vive-se hoje na sociedade do espetáculo apresentada por Debord (1997), o qual reflete que na atualidade a nossa civilização possui uma grande acumulação de representações, constituindo um modelo em que prevalece a afirmação da aparência: “o espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (p. 17).

No sentido em que há várias definições acerca do termo “pós-modernidade”, é interessante refletir sobre o que Giddens (1991) apregoa: esta falta de consenso dá-se em virtude das transformações institucionais, uma vez que passamos de uma sociedade baseada na manufatura de bens para uma civilização voltada essencialmente para a informação.

Assim, a modernidade sinalizou o próprio nascimento há cerca de cinco séculos, alimentada pelas grandes descobertas científicas e crescente industrialização, através da constante aceleração do ritmo de vida e da explosão demográfica que impetraram uma nova forma de viver em sociedade. De acordo com Berman (1987) “a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a

todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia” (p. 15).

No século XIX houve a eclosão do uso do ferro e do aço através das ferrovias e das grandes zonas industriais, que mais tarde incitaram o uso de máquinas a vapor, impulsionando cada vez mais velocidade à vida moderna. Havia um fascínio crescente pela técnica, pela velocidade e movimento proporcionados pelo sistema fabril (Harvey, 1992). Os telégrafos, telefones e jornais diários foram os primeiros instrumentos de comunicação adequados para atender aos grandes conglomerados humanos que se formavam cada vez mais rápido nas grandes cidades.

Além disso, o projeto iluminista do século XVIII, o qual abarcava um grande esforço intelectual para o desenvolvimento das ciências em busca da emancipação humana e do progresso voltou-se contra si mesmo, dando origem ao que hoje é chamado de pós-modernismo, ou pós-modernidade (Harvey, 1992). Segundo o autor, as doutrinas de igualdade, liberdade e fé na inteligência humana próprias do iluminismo se depararam com os horrores do século XX: o militarismo, as grandes guerras mundiais, a ameaça de aniquilação nuclear, os campos de concentração e esquadrões da morte. Assim é que “os pensadores iluministas acolheram o turbilhão de mudanças e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado” (Harvey, 1992, p. 23).

Vê-se que os ideais pesados da modernidade, fundamentados pelas tradições e rígidas normatizações foram contestados pela ideologia pós-moderna da contemporaneidade. A “modernidade líquida” explicitada por Bauman (2000) reflete justamente estes novos valores da sociedade: atualmente há um fascínio pela mudança constante rechaçando a idéia de estabilidade. São reflexos da pós-modernidade: os sinais via satélite, a velocidade quase

instantânea da internet, a leveza dos cada vez mais portáteis aparelhos eletrônicos e até mesmo a flexibilidade e abertura dos mercados geopolíticos e econômicos.

Na era pós-moderna vale vivenciar o momento presente, repleto de novos simbolismos que buscam refutar o velho estilo de vida: o que na modernidade era sagrado, na pós-modernidade é profanado, ninguém nos tempos de hoje é intocável ou insubstituível. As vestes de ontem são rasgadas em nome de uma nudez e da exibição que libertam. O espírito do tempo pós-moderno rompe com as tradições de outrora, o ser humano não mais se orienta pelas normas estabelecidas e sim por si mesmo, ou seja, pelo poder encontrado no próprio indivíduo (Bauman, 1998).

Nesse sentido, as lealdades tradicionais, aliadas aos costumes e às tradições próprios da modernidade buscam ser “derretidas” pela modernidade líquida de agora, mais fluida e flexível, rechaçando a antiga ordem em prol de novos valores baseados na liberdade individual, cultura de consumo e variedade de escolhas (Bauman, 2000).

Diz-se que os mecanismos de controle não foram totalmente abandonados, mas sim adaptados em favor da comunicação – não são as normas rígidas que estabelecem o comportamento humano, mas sim as estratégias de persuasão da mídia e da sociedade que influenciam as decisões individuais, profundamente respeitadas no mundo contemporâneo (Lipovetsky & Charles, 2004).

A busca incessante pela liberdade é típica da pós-modernidade e representa uma contraposição em relação ao excesso de ordem da modernidade, refletida nos governos totalitários, nas normas e tradições rígidas.

Isso não significa, porém, que os ideais de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens e mulheres em sua viagem de descoberta moderna tenham sido abandonados, ou tenham perdido um tanto do brilho original. Agora, todavia, eles devem ser perseguidos –

e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individual (Bauman, 1998, p. 9).

Vivenciamos na contemporaneidade, conforme ressalta Berman (1987), a típica sociedade de consumo, na qual os valores morais se transformaram em valores de mercado. O poder de escolha favorecido pela cultura do consumo ganha poder na vida interior dos indivíduos: além do viés econômico intrínseco ao ato de consumir, há ainda um viés existencial. Qualquer conduta pode tornar-se socialmente aceitável se for economicamente viável, como se a dignidade e a honra humanas ganhassem etiquetas de preço, assim como as mercadorias.

Assim, a pós-modernidade nos oferta experiências diversificadas, seja através da imensa gama de bens de consumo novos e versáteis - orientadas às novas e nunca satisfeitas necessidades do consumidor, ou através de novas formas de se relacionar consigo ou com os outros: hoje em dia tudo pode ser consumido e potencialmente descartado.

Esta questão é explicitada por Berman (1987), quando este diz que para servirem de deleite, as opções de mercado (incluindo-se aí bens, relacionamentos, valores e postura ética) devem contar com a flexibilidade dos homens e mulheres contemporâneos, prontos a mudar de idéia a cada momento.

Outra característica própria do mercado consumidor refere-se ao chamado critério de “pureza”, conforme explicita Bauman (2000). Este critério se baseia na adequabilidade dos indivíduos considerados livres e aptos a consumir em contraposição aos consumidores falhos, incapazes de fazer escolhas dentro da lógica econômica. Assim, não só os indivíduos de baixo poder aquisitivo, mas também os marginalizados e aqueles que não perfazem o padrão estético atual constituem a “sujeira” do mundo pós-moderno, devendo ser constantemente vigiados, excluídos e refutados.

A “pureza” designada ao poder de consumo traduz uma vida bem-sucedida, de possível felicidade a até mesmo dignidade humana. Contudo, seu contraponto é a eterna insatisfação: “não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las” (Bauman, 2000, p. 56).

Assim é que a sociedade de consumo priva pela diversidade de opções, favorecendo desejos que jamais poderão ser totalmente satisfeitos. Consume-se tudo, produtos, relações, empregos, serviços. Porém, como o leque de escolhas é vasto e sempre há mais e mais opções a serem escolhidas, os indivíduos acreditam que podem sempre conseguir “algo melhor” e por este motivo não constituem hábitos constantes e nem se satisfazem com o que consumiram. O que não tem serventia é descartado, em prol da sedução que levará ao consumo de um novo “bem”, melhor e mais adequado que o de outrora (Bauman, 1998).

Os indivíduos que podem consumir são exaltados pelo seu poder aquisitivo, porém eles jamais se contentam totalmente, dada a falta de garantia de satisfação de seus desejos – desejos estes impulsionados e excitados sempre mais pelas sensações e alternativas que o mercado oferece. Os que não podem consumir são excluídos, isolados e voluntariamente afastados, considerados inaptos e indesejáveis na sociedade atual. Aí está um dos paradoxos do mundo contemporâneo: apesar de apregoar progresso e evolução, também “a modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização” (Giddens, 2002, p. 13).

1.2 O apogeu do individualismo

A pós-modernidade incita a liberdade dos indivíduos, deixando-lhes a incumbência de agirem socialmente conforme seus princípios próprios, regulados de maneira prevalente pela lógica da sociedade consumista. As instituições eximiram-se de fiscalizar o indivíduo em

sua totalidade. Não é que as tradições e normatizações deixaram de existir, mas agora há um rearranjo delas a partir da ótica individual (Bauman, 2000).

Infere-se, a partir destas idéias, que há uma responsabilidade exacerbada do indivíduo sobre a sua própria existência, quer se trate de seus sucessos ou fracassos. “Tudo depende de você”, é a máxima de nossos tempos. Se o homem pós-moderno adoece, é porque não soube cuidar da própria saúde. Se perdeu um emprego, foi incompetente e se fracassa nos relacionamentos sociais ou afetivos, é porque não está apto para fazer amigos e influenciar pessoas. Assim, uma vez que não se pode contar com ninguém, é preciso bastar-se a si mesmo.

Bauman (2000) discute esta questão refletindo que a pós-modernidade rechaça o controle institucional e privilegia a liberdade individual, tornando o jargão “faça você mesmo” a tônica do individualismo contemporâneo. Receitas e modelos são amplamente seguidos, mas sem necessidade do indivíduo fazer parte de uma instituição, seja ela qual for. As religiões e comunidades deixam de ter papel normativo na vida das pessoas para funcionarem como estratégia de crescimento individual e ganho de vantagens pessoais.

O ser humano passa a viver um estilo de vida individualista ao extremo, que exerce pressão demasiada sobre ele. Trata-se de uma liberdade sem garantia de felicidade, pois se passa a vida lutando contra os outros em prol de si mesmo, até que a desconfiança e o receio alheio dêem lugar à falta de sentido existencial da contemporaneidade.

Uma vez inseridos em um contexto voltado para o consumo exacerbado, para a descartabilidade e para o excesso que advém da lógica de mercado, Lipovetsky e Charles (2004) defendem que os indivíduos da pós-modernidade são direcionados a viver o presente e a desconfiar do futuro, sempre incerto e mutável. Viver o prazer imediato e aproveitar as novidades que as vitrines do mundo oferecem é a máxima de nossos tempos e reflete uma

ideologia individualista e hedonista de viver, na qual os indivíduos buscam novidades e se interessam pelo fútil e frívolo, idolatrando o bem-estar custe o que custar.

De acordo com Lash (1990) a sociedade de consumo estimula o narcisismo, pois os indivíduos tornam-se frágeis e dependentes, embora livres, o que os faz ver o mundo como um espelho, projetando nele os seus medos, anseios e desejos. Sentindo-se desprotegido pela sobrecarga de informações da sociedade contemporânea, com excesso de estímulos e imagens, de propagandas e do apelo ao consumo, o indivíduo refugia-se em si mesmo, contando com o narcisismo para poder sobreviver. “Confrontadas a um meio ambiente aparentemente implacável e ingovernável, as pessoas voltaram-se para a autogestão” (p. 48).

Ademais, a cultura hedonista emerge como um novo narcisismo na atualidade: é preciso ter prazer sem precisar esperar por ele. Como não se constrói nada a longo prazo, pois o futuro é incerto e repleto de desencantamento e desconfiança, é preciso aproveitar as oportunidades sempre que estas aparecerem, deleitar-se com o prazer e não se importar com a efemeridade das sensações que o acompanham (Lipovestky & Charles, 2004).

O culto ao corpo também faz parte desta discussão, sendo reflexo inerente de um individualismo narcísico: cuidar do corpo e zelar pela sua perfeição é tarefa intrínseca do indivíduo e fracassar nesta empreitada é motivo de vergonha e exclusão (Bauman, 2000).

Malhar horas na academia e seguir dietas à risca a fim de retirar todo o excesso de gordura tão indesejável são mecanismos para tornar o corpo ágil e preparado para os desafios da pós-modernidade: exibi-lo é gratificante e significa sucesso individual. Porém, o fracasso na busca da perfeição do próprio corpo é considerado atestado de vergonha, culpa e incapacidade, sentimentos que abalam o íntimo do ser humano, contribuindo para o sofrimento psíquico vislumbrando na pós-modernidade.

Assim é que distúrbios alimentares ganharam tanto espaço em nosso tempo: obesidade, anorexia e bulimia são apenas exemplos desta realidade. Aí está mais um paradoxo

da era pós-moderna: a busca pelo corpo saudável, magro e condicionado reflete comportamentos individuais responsáveis. Mas a conduta quanto à alimentação não é igual para todos; a sociedade da anorexia, por exemplo, que representa a busca pelo controle, também é a sociedade da obesidade e do sobrepeso: em desfavor das regulamentações (Lipovetsky & Charles, 2004).

Vê-se então que o foco excessivo nas próprias necessidades instiga o indivíduo ao narcisismo, uma constante da pós-modernidade, de maneira que a satisfação com o mundo externo é bloqueada e as relações sociais e afetivas são evitadas (Sennett, 1988). O indivíduo não vê sentido em direcionar à sociedade as sua necessidade de satisfação, pois sabe que num mundo em que não há garantia alguma de estabilidade, a única certeza que ele tem é de poder contar consigo mesmo.

Desta maneira, vê-se que na contemporaneidade a preocupação excessiva com o indivíduo reflete a sua própria necessidade de sobrevivência psíquica, uma vez que o clima de desconfiança quanto ao futuro, ampliadas pela degradação ambiental, a violência e a insegurança econômica, tornaram a sociedade um ambiente potencialmente hostil e perigoso (Lash, 1990).

Voltar-se para si é a maneira que o indivíduo pós-moderno encontrou para proteger-se dos possíveis riscos da atualidade (Lash, 1990). “O resultado é que a vida pessoal torna-se atenuada e privada de pontos de referência firmes: há uma volta para dentro, para a subjetividade humana, e o significado e a estabilidade são buscados no eu interior” (Giddens, 1991, p. 118).

Outro aspecto importante acerca do individualismo caracteriza-se pelo fato de vivermos em uma época marcada pela cultura de consumo, na qual o “ter” prevalece sobre o “ser”. Debord (1997) diz a este respeito que o modelo de sociedade atual “leva a um

deslizamento generalizado do ‘ter’ para o ‘parecer’, do qual todo ‘ter’ efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última” (p. 18).

O individualismo contemporâneo incorre, portanto, em uma realidade social que dá sentido a si mesma através da cultura de consumo e do narcisismo próprios da vida pós-moderna: é preciso mostrar-se, aparecer no mundo, ter uma imagem – assim também como as mercadorias precisam ser expostas e parecerem atraentes e desejadas. Desta maneira se ganha poder, notoriedade social e *status*, indispensáveis ao indivíduo pós-moderno em sua necessidade de ser no mundo.

A prevalência do “ter” em relação ao “ser” motiva o desenvolvimento do individualismo na pós-modernidade e é a construção de uma lógica hedonista, na qual o luxo e o prazer são buscados a todo custo em busca de uma posição social que evidencie tanto a satisfação pessoal quanto o fortalecimento de uma imagem de poder frente às outras pessoas (Lipovetsky & Charles, 2004).

Nesse sentido, Debord (1997) evidencia que a organização social da atualidade se baseia em uma realidade voltada para o espetáculo, caracterizado pela grande importância que as aparências mantêm na sociedade. Não é necessário apenas “ter”, é preciso “parecer ser” e desta maneira construir uma individualidade espetacular, voltada mais para imagens e fantasias do que para a experiência real da própria vida.

Até mesmo a sexualidade é considerada por Giddens (1992) característica do individualismo das sociedades pós-modernas, uma vez que ela é “descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados” (p. 25), de maneira que a sexualidade é algo que o indivíduo possui e cultiva e não algo que nasce com ele. Ser livre para ter a sexualidade que se deseja funciona como construção de uma auto-identidade e uma forma de ser no mundo, indo além das características naturalmente humanas.

A questão da identidade sexual no mundo pós-moderno é constantemente analisada e cada vez mais está longe das rédeas da repressão da era moderna. O século XX, de acordo com Giddens (1992) trouxe a idéia de que o “eu” deve ser um projeto reflexivo, “uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (p. 41). Desta maneira é que a sexualidade no mundo pós-moderno é constantemente discutida e revela uma profunda conexão com o individualismo atual: podendo-se possuir uma sexualidade, prevalece a opção do “eu”, e assim é possível mergulhar em infinitas possibilidades oferecidas pela contemporaneidade.

Assim, as questões aqui apresentadas refletem o que Guillebaud (2003) acredita ser um “individualismo igualitário”, que se traduz no direito de cada indivíduo expressar e vivenciar a sua diferença no mundo. Em nosso século, por exemplo, se polemiza a desigualdade entre brancos e negros, hetero e homossexuais, homens e mulheres, crianças legítimas e filhos naturais, pessoas sadias e deficientes, pois discutir a liberdade da diferença passou a ser essencial para a construção da própria individualidade.

Para Guillebaud (2003), o individualismo nesse sentido representou uma revolução: é “a possibilidade dada a cada um de emancipar-se das antigas hierarquias ou categorizações” (p. 147). De fato, vê-se na atualidade maior discussão e autonomia dos indivíduos na busca de dignidade na condição pessoal em que se encontram, seja ela racial, étnica, sexual, social.

Contudo, não se pode deixar de dizer que há certa utopia nesta equidade e uma perigosa correlação existente entre individualismo e desigualdade social, pois as pessoas podem estar emancipadas das discriminações culturais, mas ainda estão entregues à lógica do mercado, em que a máxima “cada um por si” é extremamente cultuada, perdendo-se assim a noção do chamado bem comum e, por conseguinte, da solidariedade (Guillebaud, 2003).

1.3 Tempos efêmeros

A pós-modernidade zela pela impossibilidade dos indivíduos em permanecerem parados, buscando sempre e sempre a satisfação que nunca chega, uma vez que a realização está adiante e não no momento presente. Assim a vida pós-moderna é um amontoado de momentos, que por trazerem consigo a impossibilidade de satisfação total ao indivíduo, tornam a vida efêmera e fugaz.

Diz-se então que a velocidade exacerbada com que a contemporaneidade articula mudanças e transformações na vida social chegou ao seu próprio limite, dando lugar à instantaneidade que se traduz tanto na realização imediata quanto no desaparecimento do interesse. “Era da instantaneidade significa a gratificação evitando as conseqüências” (Bauman, 2000, p.148).

Estes são tempos efêmeros, conforme versam Lipovetsky e Charles (2004), pois não deixam alternativa às pessoas: para sobreviver é preciso evoluir, há uma obrigação tal pelo movimento e pela mudança – em prol de uma glorificação futura e jamais aproveitada, que não se vive plenamente. Há uma ênfase na necessidade de ser sempre o mais rápido e este é o motivo para se buscar o melhor desempenho, a maior flexibilidade e a maior inovação.

Mas, para quê buscar a excelência ideal, se o futuro é imprevisível, o passado não importa e o presente não se pode viver em completude? Esse é o questionamento do indivíduo pós-moderno, que se tornou refém da própria era: um ser desacreditado, indiferente e imerso em profunda perplexidade. Nesse sentido Debord (1997) explicita que o tempo na pós-modernidade “é o meio em que o sujeito se realiza ao se perder, tornando-se outro para tornar-se a verdade de si mesmo” (p. 109).

Mesmo com a maximização das habilidades individuais através da busca pelo melhor desempenho, há o receio de que o resultado futuro seja insatisfatório. “Fica evidente que o instante puro está longe de ter colonizado por completo as exigências privadas, pois a

sociedade hipermoderna dá nova vida à exigência de permanência como contrapeso ao reinado do efêmero, tão causador de ansiedades” (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 74).

Ademais, o modo de vida organizado em razão do consumo é orientado pelo desejo, pautado em si mesmo, volátil e naturalmente efêmero. Isto significa que a sedução do consumo e do potencial descarte daquilo que não “serve mais” leva as pessoas a adentrarem uma era de vazio existencial, em que nada dura para sempre e que não traz nenhuma segurança para os dias de amanhã (Bauman, 2000).

A efemeridade, portanto, fez emergir sentimentos de vulnerabilidade, de desvalorização das próprias capacidades, insegurança material e degradação da vida pessoal. Além disso, a exploração do tempo nunca foi tão importante quanto o é agora: não apenas os adultos, mas as crianças e os idosos vivem sempre com a “agenda lotada”, repletos de atividades que podem consumi-los à exaustão (Lipovetsky & Charles, 2004).

As pessoas da pós-modernidade não têm tempo a perder. O trabalho, os estudos, a natação, as aulas de inglês e quaisquer outras atividades complementares não deixam brechas no roteiro cotidiano. Estamos correndo todo o tempo e qualquer minuto perdido é uma oportunidade em vão. Por este motivo é que a era atual representa a vanguarda do *fast-food*. Comida rápida, relacionamentos rápidos, superficialidade e praticidade – não há tempo a perder.

Nesse sentido, Lipovetsky e Charles (2004) atentam para o fato de que a escassez de tempo é o que o torna cada vez mais efêmero, incorrendo em uma instabilidade instaurada na vida dos homens e mulheres pós-modernos, cada vez mais angustiados com a paradoxal condição existencial em que estão: ao mesmo tempo em que há o imediatismo do prazer, existe a incapacidade de viver o presente em plenitude.

Na pós-modernidade a relação das pessoas com o fator tempo incorre em um novo tipo de relação social, na qual não se pode perder tempo, ou melhor ainda, na qual “tempo é

dinheiro”. Harvey (1992) diz sobre o assunto que “a progressiva monetização das relações na vida social transforma as qualidades de tempo e espaço” (p. 208) de maneira que o tempo de que dispõe o indivíduo é valioso e escasso, devendo para tanto ser maximizado ao máximo. Criaram-se então mecanismos capazes de burlar a força do tempo em favor dos indivíduos, que vão desde linhas de montagem (seja de brinquedos ou carros luxuosos), aceleração de processos físicos (fermentação ou mesmo engenharia genética), caixas eletrônicos, até a internet e seus serviços diversos.

Este contexto propiciou adaptabilidade e aceleração do ritmo de vida que ora observamos na contemporaneidade, trazendo sim a maximização de tempo, mas incorrendo também na extrapolação dos limites que podem suportar o próprio ser humano. No contexto de trabalho por exemplo, controladores de voo vivem em níveis extremos de tensão e caminhoneiros impõem a si mesmos uma resistência ao sono à base de remédios. Assim os trabalhadores ganham em tempo, mas perdem em qualidade de vida – o tempo segue como mais um fator de contradição na sociedade pós-moderna (Harvey, 1992).

A efemeridade da pós-modernidade traz consigo a contradição de buscar ou produzir algum tipo de verdade em que os indivíduos possam se firmar. É desta maneira que se vê atualmente um grande interesse na autenticidade política, na revitalização religiosa e na busca por instituições básicas como família e comunidade. Assim é que mesmo a fugaz sociedade contemporânea tenta compreender os próprios hábitos e valores, criticando-os e dando-lhes novos significados (Harvey, 1992).

Outra questão importante concernente à sociedade de consumo pós-moderna a que estamos nos referindo é que atualmente é preciso ser capaz tanto de jogar fora os bens produzidos, como ser capaz de “atirar valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser” (Harvey, 1992, p. 258). Isso significa que os tempos efêmeros em que vivemos também tornaram efêmera a

experiência humana em relação à própria sociedade – as pessoas tiveram que aprender a lidar com a “descartabilidade”, as eternas novidades e a instantaneidade com que valores, hábitos e relações humanas se tornam tão rapidamente obsoletos.

Até mesmo o próprio tempo na pós-modernidade é consumível, o qual se unificou e banalizou em virtude do modelo social voltado para o consumo. Assim, há um tempo pseudo-cíclico, dividido em “dia e noite, trabalho e descanso semanais e a volta dos períodos de férias” (Debord, 1997, p. 104). Desta maneira a visão do tempo na sociedade pós-moderna tem caráter efêmero, sendo a base da construção de produtos organizadores do próprio tempo.

O indivíduo tem a sensação de que ganha tempo com os instrumentos criados pela sociedade contemporânea, seja no metrô ou no macarrão instantâneo, mas a noção de tempo tornou-se alienante, dificultando a possibilidade de se viver o momento presente com plenitude e consciência, conforme descreve Debord (1997):

A imagem social do consumo do tempo é exclusivamente dominada pelos momentos de lazer e de férias, momentos representados à distância e desejáveis por definição, como toda mercadoria espetacular. Essa mercadoria é explicitamente oferecida como momento da vida real, cujo retorno cíclico deve ser aguardado (p. 106).

CAPÍTULO 2

RELAÇÕES HUMANAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO

“Todos fingimos crer que estamos percorrendo, em grande velocidade, uma montanha-russa; abandonemos essa ilusão demasiadamente banal e procuremos em nós e entre nós os traços ardentes que nos conduzem ao conhecimento e à ação. Não devemos renunciar a procurar o sentido de nossa existência” (Touraine, 2004, p. 37).

2.1 Em busca de si: o homem sem identidade

De acordo com Hall (2001), a identidade não é inata e sim construída e formada ao longo do tempo através de processos históricos, sociais e inconscientes, permanecendo incompleta e em contínuo processo de formação.

O autor utiliza o termo “identificação” para tratar da natureza inacabada e precipuamente instável da construção da identidade pós-moderna. O consumismo global de nosso tempo ocasiona identidades partilhadas, uma vez que “à medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas” (Hall, 2001, p. 74).

A lógica do mercado consumidor contribui para o efeito de “supermercado cultural”, no qual Hall (2001) comenta que há diferenças e distinções culturais antes explícitas, e que hoje são reduzidas e cada vez mais homogeneizadas, partilhadas e desalojadas.

A idéia de identidade associada à sociedade de consumo é defendida por Bauman (2000), que traz a noção de que os indivíduos da pós-modernidade devem ser capazes de renovar suas identidades, a partir da sedução que as infinitas alternativas do mercado de consumo lhes oferecem. Desta maneira, é preciso que as pessoas estejam sempre preparadas

para se adaptarem a novas circunstâncias, vivenciando experiências e sensações novas e prazerosas. Aqueles que não se transmutam e não se adaptam, passam a ser a “sujeira” da pós-modernidade, relegados como simples incapazes.

A era do consumo construiu indivíduos que carecem de sentido para a própria existência, possuindo opiniões cada vez mais voláteis. São senhores da própria vida, mas não são capazes de criar vínculos profundos, posto que são donos de gostos e personalidades oscilantes. Assim, nada é capaz de efetivamente comovê-los – há uma superficialidade inerente às suas vidas, que não os fazem adentrar a si mesmos para descobrirem-se de fato (Lipovetsky & Charles, 2004).

A crise de identidade vivida pelo homem pós-moderno faz parte de um processo de mudança, próprio de nossos tempos, que abalou quadros de referência do mundo social conhecido até o início da modernidade. O século XX representou mudanças estruturais nos contextos de classe, gênero, sexualidade e etnia que influenciam o processo de construção das identidades pessoais do indivíduo da pós-modernidade. Há portanto uma perda do “sentido de si”, uma vez que verdades concebidas como coerentes e fixas transmutaram-se nos tempos atuais em duvidosas e incertas. O sujeito pós-moderno, conforme explicita Hall (2001), “está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (p. 12).

No fundo, o indivíduo pós-moderno não sabe quem realmente é, sendo incapaz de construir uma identidade duradoura e fecunda. Longe de ser dono de si mesmo, ele vive a desestabilização do próprio eu, dada a volatilidade e fragilidade de sua personalidade (Lipovetsky & Charles, 2004).

Desta maneira, não há no homem da pós-modernidade uma identidade essencial ou permanente: assumem-se identidades diferentes em momentos diversificados, de maneira a

produzirem-se uma infinidade de identidades possíveis com as quais se pode identificar – cada uma ao seu tempo e circunstância (Hall, 2001).

Além disso, como na pós-modernidade o tempo deve ser cada vez mais otimizado em busca de velocidade e desempenho, a imagem que o indivíduo tem de si mesmo não passa de momentos: não há firmeza e nem segurança na identidade que se assume, pois este não é um ideal dos novos tempos. Em cada nova situação vivenciada há uma possível identidade a ser montada e vestida – desta maneira torna-se impossível construir ao longo do tempo uma identidade que sirva de âncora aos homens e mulheres pós-modernos (Bauman, 2000).

Na pós-modernidade é possível ser qualquer pessoa que se queira, vivendo a incerteza e mutabilidade que exige a vida moderna, pois conforme explicita Bauman (2000) ter uma identidade construída ao longo da vida é uma desvantagem no mundo pós-moderno, um fardo que dificulta a necessária adaptação e fluidez de nossos tempos. A aparente delícia da liberdade que o indivíduo tem de ser “alguém” traz em contrapartida o terrível fel de torná-lo “ninguém”, pois incorre na ansiedade de uma construção de identidade que nunca poderá findar e completar-se totalmente.

Lash (1990) reflete que o clima de instabilidade e insegurança da pós-modernidade tornou as pessoas incertas sobre seus próprios limites e por este motivo a identidade tornou-se uma problemática constante. O indivíduo não tem certeza se cede às imposições da cultura ou se cede à possível liberdade de estabelecer fronteiras sobre si mesmo em relação a sua convivência no mundo.

Vê-se que a fragilidade da identidade do homem pós-moderno em conjunto com a cultura do desempenho favorece o surgimento de muitos sintomas psicossomáticos, tais como as compulsões de todo tipo, as depressões, suicídios, sentimentos de insuficiência e mesmo autodepreciação. Nas palavras de Lipovetsky e Charles (2004, p. 84): “É a individualização

extrema de nossas sociedades o que, tendo enfraquecido as resistências ‘a partir de dentro’, subjaz à espiral dos distúrbios e desequilíbrios subjetivos.”

Giddens (1992) chama a atenção para o aumento crescente de comportamentos compulsivos na pós-modernidade, relacionados à incapacidade de administrar o futuro; os vícios por exemplo, sejam de sexo, comida, bebida ou mesmo trabalho refletem “um reconhecimento da falta de autonomia que lança sombra sobre a competência do eu” (p. 88), em que há uma ameaça sobre a integridade do indivíduo. Para o autor, os comportamentos compulsivos tão presentes na contemporaneidade são como fotografias de uma sociedade que tem abandonado as tradições, cujos indivíduos não se engajam em um projeto reflexivo de si mesmos, levando-os a sofrimento.

Quando grandes áreas da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a negociar opções de estilo de vida. Além disso – e isso é crucial –, tais escolhas não são apenas aspectos externos ou marginais das atitudes do indivíduo, mas definem quem o indivíduo é (Giddens, 1992, p. 87).

Há ainda a idéia inerente à sociedade contemporânea de que o amanhã será sempre melhor do que hoje e que por este motivo, devemos estar sempre preparados para “ser” o que no futuro será melhor para nós. Se amanhã os hábitos considerados saudáveis forem abolidos, nos desmancharemos sem piedade do esforço antes realizado e assim, não nos esquivaremos de nossos reais anseios. A existência torna-se sem sentido, guiada simplesmente pelas próprias circunstâncias experienciadas na vida.

Nesse sentido, Bauman (2007) reflete que a sociedade de consumo tem como característica tornar a insatisfação permanente, de maneira que as necessidades e desejos sejam sempre irrealizados, provocando então novas vontades. Desta maneira, o que antes é um desejo pode tornar-se um vício ou uma compulsão.

Na pós-modernidade há maneiras particulares do indivíduo experimentar, interpretar e ser no mundo, o que lhe confere maior autonomia e liberdade para posicionar-se frente à realidade, construindo e desconstruindo continuamente a sua própria identidade (Harvey, 1992). O autor defende que na pós-modernidade as imagens e o espetáculo (no sentido político, científico e cultural) são apreciados e sentidos com intensidade aumentada no presente, de maneira que há pouco esforço para a sustentação de valores e crenças na continuidade histórica do indivíduo. Há uma perda de temporalidade e uma busca tal pelo impacto instantâneo que o indivíduo se torna fragmentado, constantemente engajado no projeto de se construir como sujeito.

Harvey (1992) constrói um paralelo entre a imagem como identidade no mercado e a imagem como identidade individual. Mais do que seguir a moda ou as tendências de um tempo, a imagem traz ao indivíduo respeitabilidade, prestígio e confiabilidade. É a maneira encontrada na pós-modernidade de ser no mundo:

A aquisição de uma imagem (por meio da compra de um sistema de signos como roupas de *griffe* e o carro da moda) se torna um elemento singularmente importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho e, por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado na vida (p. 260).

De fato, em nossa era as práticas sociais são frequentemente questionadas, incorrendo em atitudes mais reflexivas sobre a vida, gerando um contraponto acerca da rigidez das tradições e valores estruturados da modernidade (Giddens, 1991).

Assim, vê-se que o ritmo de mudança atual que altera constantemente o caráter de nossa identidade possibilita diferentes e mutáveis posições de sujeito, incorrendo em angústia e ansiedade por parte das pessoas. “A identidade tornou-se incerta e problemática, não porque as pessoas não ocupem mais posições fixas (...), mas porque elas não mais habitam um mundo que exista independentemente delas” (Lash, 1990, p.28).

2.2 Solidão

A pós-modernidade trouxe um sentimento intrínseco ao contexto atual, que se refere à incerteza presente na vida dos indivíduos. “Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é interinamente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura, a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito freqüentemente se revelam vias suicidas” (Bauman, 2000, p. 34).

Esta incerteza leva os indivíduos a contarem unicamente consigo mesmos para “vencer na vida” e conquistar as metas de uma vida idealizada, potencialmente mutável e nunca satisfeita. Por este motivo é que se vêem na contemporaneidade indivíduos cada vez mais solitários, buscando incansavelmente um sentido de ser no próprio isolamento.

Bauman (2000) atribui esta condição à inconstância voraz própria dos tempos pós-modernos, marcados pelo medo da relação com os outros, vistos como “estranhos” capazes de quebrar o movimento tão idolatrado na atualidade ou mesmo potencialmente perigosos e hostis. Assim, se não é possível evitar o encontro com estes estranhos, que se possa ao menos minimizar ao máximo o contato com eles a fim de não estender o tempo de encontro. Comprometer-se é perda de tempo e de oportunidades, esta é a lógica do mundo atual.

O que se vê na atualidade é um grande paradoxo quando se trata das relações humanas. Os indivíduos estão ávidos por relacionar-se, vorazmente desejando encontrar no outro qualquer sinal de que ainda valha a pena estabelecer laços afetivos e que estes trarão satisfação à carência e à necessidade de contato. Mas, ao mesmo tempo, o medo e a insegurança próprios dos nossos tempos nos fazem recuar e permanecer no isolamento. Exemplo disso são os enormes condomínios de apartamentos, repletos de seres humanos convivendo juntos, mas que desviam o olhar quando encontram outros moradores. As relações sociais fragilizaram-se e as pessoas permanecem cada vez mais solitárias. Trata-se de uma indiferença velada que reflete uma tentativa de proteção de si mesmo.

Aludindo ao poder que o consumo tem em nossa sociedade e a sua influência sobre as relações humanas, Harvey (1992) recorre a Marx (s/d) para trazer a idéia de que na pós-modernidade permanecemos consumindo mercadorias durante todo tempo de nossa existência.

À mercadoria é atribuído um valor de uso, o qual se relaciona a um desejo ou necessidade; assim as próprias relações humanas passam a ser mercadorias que podem ser consumidas ou trocadas de acordo com as circunstâncias. “Passamos de uma condição social em que dependemos de maneira direta de pessoas a quem conhecemos pessoalmente para uma situação em que dependemos de relações impessoais e objetivas com outras pessoas” (Harvey (1992, p. 98).

Desta maneira as relações humanas parecem ter perdido profundidade na cultura do consumo, uma vez que as pessoas passam a relacionar-se de acordo com a lógica do mercado consumidor: as relações são objetivadas pelo ganho objetivo, seja a busca por poder e influência, prazer instantâneo ou vantagens pessoais. Advém daí a transitoriedade e superficialidade dos vínculos afetivos e a consequente solidão do indivíduo pós-moderno.

Outra face do sentimento de solidão experimentado nos indivíduos da pós-modernidade reflete-se em comportamentos de co-dependência, que de acordo com Giddens (1992) são comuns em nossa época e refletem um grande paradoxo nas relações humanas: o indivíduo não consegue relacionar-se de maneira saudável com o outro e paradoxalmente se sente só, vivendo um relacionamento co-dependente.

Nesse sentido, Giddens (1992) define a co-dependência como um comportamento mantido pela necessidade de segurança ontológica de uma pessoa em relação a outra, a qual requer a presença constantemente para prover suas carências – sem esta outra pessoa, não há autoconfiança: o relacionamento apenas se mantém pelo vício e pela fixação que existe na própria relação. Os indivíduos viciados em relacionamentos co-dependentes experimentam

sentimentos de solidão, insatisfação e sofrimento porque “estão acostumados a encontrar a sua identidade através das ações ou das necessidades dos outros” (p. 105).

Erich Fromm (1957) citado em Bauman (2004), parecia antever a problemática da solidão e isolamento sofrida pelo pós-moderno e descreveu a chamada “união ilusória” como a tentativa de homens e mulheres em escapar da solidão presente ou potencialmente vindoura através de uma união transitória que visava apenas o prazer orgástico em si, originando por vezes uma experiência de frustração.

A visão de Fromm (*id.*) acerca destes relacionamentos ilusórios, em especial os relacionamentos amorosos e sexuais, é muito similar às relações fortuitas e descompromissadas da pós-modernidade, tais como Bauman (2004) descreve como relacionamentos líquidos: “Agora espera-se que o sexo seja auto-sustentável e auto-suficiente, que se mantenha sobre os próprios pés para ser julgado unicamente pela satisfação que possa trazer por si mesmo” (p. 63).

Contudo, a expectativa de que o sexo pelo sexo gerasse satisfação imediata sem as responsabilidades de um vínculo parecem incorrer na solidão e frustração das quais as pessoas tentaram precipuamente esquivar-se.

A tentativa do indivíduo pós-moderno em estabelecer relações que possam satisfazer suas necessidades e também protegê-lo da possível hostilidade do mundo, é explicitada por Bauman (2004), que diz que a chegada da proximidade virtual – através das redes eletrônicas, celulares e internet, encurtou as distâncias físicas entre as pessoas, representando a liberdade do indivíduo em ir e vir. O deslocamento eletrônico tornou mais fácil, rápido e seguro comunicar-se e estar conectado sem exigir contigüidade nas relações. Exemplo disto são as reuniões de negócios que podem ser realizadas através de videoconferências, o que pouparam idas e vindas a lugares mais distantes, simplificando assim o cotidiano atual.

Até mesmo os relacionamentos sociais e amorosos ganharam ares virtuais e contam com inúmeros adeptos na atualidade. Bares, discotecas e eventos deixaram de ser os locais mais comuns para conhecer e se relacionar com pessoas, uma vez que o mundo virtual da internet – com salas de bate-papo, redes de relacionamento e *chats* representam facilidade de comunicação, grande diversidade de pessoas disponíveis e segurança para relacionar-se até que a satisfação dure. Sempre há a possibilidade de apagar um *e-mail*, cortar a conexão e “retornar ao mercado para outra rodada de compras”, conforme Bauman (2004, p. 85).

Nesse sentido, vê-se que quanto mais possibilidades de encontros se evidenciam na atualidade, mais solitárias se tornam as pessoas, conforme corrobora Lipovetsky (2005):

Quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo; daí uma fuga para as experiências, que apenas traduz a busca de uma experiência emocional forte (p. 57-58).

Desta maneira, identifica-se um paradoxo ao que concerne à virtualidade das relações humanas na pós-modernidade: os indivíduos buscam avidamente por relacionar-se e contam com a facilidade da proximidade virtual para isso, uma vez que a internet pressupõe menos tempo e esforço para que as conexões e relações se iniciem. Mas em contrapartida os relacionamentos tornam-se breves e banais, sem força para tornarem-se vínculos. A tentativa de escapar da solidão instaura-se em isolamento.

Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizagem forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige. Essas habilidades caem em desuso – são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega a acontecer, com relutância (Bauman, 2004, p. 84).

2.3 Fragilidade dos laços afetivos e vazio emocional

As mudanças sociais trazidas pela pós-modernidade trouxeram um profundo questionamento sobre as relações afetivas, que englobam diversos aspectos da intimidade: as variadas opções concernentes à liberdade sexual e a busca do prazer, a contracepção, a distinção cada vez mais precisa acerca do amor sexual e o amor romântico, a não obrigatoriedade social de contrair matrimônio e o individualismo – que prevê atenção maior sobre as necessidades do “eu” do que as do “outro” (Giddens, 1992). Todas estas mudanças abarcam profundos questionamentos acerca das relações afetivas na atualidade, incorrendo em potencial sofrimento psíquico para os indivíduos.

Na realidade contemporânea os laços afetivos se estabelecem sem intenção de durar. Durante a vida ocorrem diversos encontros – efêmeros e momentâneos, os quais o indivíduo não tem interesse genuíno em investir, pois estão em um mundo em que “tudo pode acontecer e tudo pode se feito, mas nada pode ser feito uma vez por todas” (Bauman, 2000, p. 36). Assim, há uma história de vida afetiva marcada por episódios sem duração ou compromisso.

Giddens (1992) usa o termo “relacionamento puro” para designar justamente estas relações sociais (amorosas ou não) de cunho afetivo que apenas se mantém pela própria relação em si, ou seja, as relações apenas continuam enquanto ambas as partes satisfazem-se de maneira suficiente. Trata-se de uma aceitação da relação desde que haja benefício satisfatório que justifique a relação. Acabada a satisfação, acaba-se a razão de se manter a relação.

Vê-se que este mecanismo de sobrevivência psíquica na pós-modernidade conjuga-se com a lógica consumista, a qual engloba inclusive os relacionamentos afetivos, posto que o leque quase infinito de possibilidades de conhecer um homem ou mulher mais interessante e atraente (no caso de um relacionamento amoroso) veta o compromisso e as relações duráveis. Não se pode perder oportunidades e por este motivo não se pode prender-se a ninguém.

O mundo consumista da atualidade prevê não só a aquisição de bens, mas também a habilidade do consumidor em não acumulá-los – é preciso usá-los e descartá-los em seguida para que outras possibilidades de consumo sejam vislumbradas. A lógica de consumo antevê o funcionamento dos relacionamentos pós-modernos, que de acordo com Bauman (2004) são constituídos de episódios imersos em rotatividade que não almejam durabilidade e sim satisfação imediata. “A insegurança decorrente é eterna. A incerteza nunca se dissipará de modo total e irrevogável” (p. 70), e desta maneira, as relações se fragilizam e permanecem superficiais e insatisfatórias.

Em relação à representação do sexo dentro do ideário pós-moderno, Giddens (1992) refere-se a “sexualidade plástica” ou “amor confluyente” para confirmar que o encontro sexual, via de regra, não resulta em outra coisa a não ser o próprio sexo em si e as sensações que o abarcam. As pessoas vivem relacionamentos superficiais e ressentem-se com o vazio emocional que advém destas relações.

A construção desta sexualidade plástica deu-se a partir da revolução sexual das últimas décadas com o avanço da contracepção, significando uma profunda transformação na vida pessoal dos indivíduos: houve diminuição considerável no tamanho das famílias com a separação do ato sexual e a reprodução em si, além da libertação para a sexualidade e a busca do prazer sexual pelas mulheres, o que modificou sobremaneira as relações da pós-modernidade, elevando-se a noção de livre-arbítrio sexual (Giddens, 1992).

O sexo hoje é o retrato da instantaneidade pós-moderna: parceiros são escolhidos praticamente ao acaso: um encontro fortuito em um *shopping center*, um bar ou mesmo em uma sala de bate-papo pela internet podem ser o cenário ideal do encontro sexual em nossa era pós-moderna. Há um mar de sensações e possibilidades, em geral fortuitas e sem interesse em perpetuar-se – até que o vazio encontre os amantes.

Em termos de relações humanas, o esforço que se tenta estabelecer para manter os outros à distância, numa tentativa de manter a integridade do próprio individualismo, é uma estratégia que reflete a incerteza existencial atribuída à fragilidade dos laços sociais. “Laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas” (Bauman, 2000, p. 187). Por este motivo tendem a serem voláteis e temporárias, duráveis até que o desejo aponte para outra “aquisição”.

Contudo, Lipovestky e Charles (2004) ressaltam o afeto como um verdadeiro paradoxo da era pós-moderna; ainda que as uniões estejam fragilizadas, há um ideal acerca das relações duradouras, da fidelidade e mesmo do matrimônio, como uma nostalgia inquietante que instaura um profundo questionamento dentro do próprio indivíduo: “em que tipo de relação realmente vale a pena investir?”

Interessante observar que nos tempos pós-modernos as pessoas interagem entre si comumente na vida social sem de fato ganharem a confiança umas das outras – a dificuldade em ganhar a confiança do outro motiva relacionamentos cada vez mais efêmeros e superficiais. Segundo Giddens (1991), há uma diversidade de encontros que se instauram na vida cotidiana, os quais são mantidos por uma “desatenção civil”; não se trata de pura indiferença, mas de uma forma polida e monitorada de relacionar-se. Esta é a característica dos encontros fortuitos: há o reconhecimento do outro como agente e conhecido potencial, mas não há o estabelecimento de confiança suficiente para ocasionar uma relação entre os indivíduos.

Desta maneira, paira a desconfiança sob os relacionamentos humanos da pós-modernidade, levando as pessoas a experimentarem sentimentos de profunda solidão e ansiedade existencial persistente. Giddens (1991) vê esta desconfiança como um ceticismo ou ainda “no caso de pessoas, significa duvidar ou desacreditar das reivindicações de integridade que suas ações personificam ou demonstram” (p. 102).

Um bom exemplo de como aprendemos a nos relacionar, focando na desconfiança do outro é a mensagem explícita em diversos *reality shows* que fazem tanto sucesso em nossa época. Mensagens como: “Não confie em ninguém”, “a vida é um jogo duro” ou “cada jogador está por conta própria para chegar ao topo” são comuns em diversos programas televisivos e demonstram a descartabilidade dos seres humanos, trazendo prazer e advertência aos telespectadores a um só tempo. “Ninguém é indispensável, ninguém tem o direito a sua parte dos frutos de um esforço conjunto apenas por ter dado alguma contribuição ao seu crescimento”, diz Bauman (2004, p. 109) acerca do ideário das relações humanas na atualidade.

Assim, não se confia em ninguém e o outro é sempre potencialmente perigoso no que concerne ao nosso desejável sucesso individual. “Os outros são, em primeiro lugar e acima de tudo, competidores, tramando como qualquer competidor, cavando buracos, preparando emboscadas, torcendo para que venhamos a tropeçar e cair”, completa Bauman (2004, p. 110).

Vê-se claramente, portanto, o paradoxo das relações humanas na pós-modernidade. Há um desejo ansioso pelo convívio e pela condição de “estar ligado”, de relacionar-se e da possibilidade de contar com alguma segurança no campo afetivo. Porém, ao mesmo tempo, há um constante questionamento acerca dos possíveis encargos e responsabilidades que o envolvimento traz (Bauman, 2004).

O esmorecimento das relações humanas na contemporaneidade também é atribuído à excessiva racionalização acerca da própria existência, incorrendo em uma diminuição da importância dos costumes e tradições por parte das pessoas e conseqüentemente no enfraquecimento dos laços afetivos e sociais. Assim, na medida em que se tornam mais racionais e práticas, menos preocupadas e dispostas as pessoas estão em dispor de tempo e esforço para dedicar-se à vida emocional (Touraine, 1994).

CAPÍTULO 3

A ABORDAGEM DIALÓGICA

“O que esperamos quando estamos desesperados e, mesmo assim, procuramos um outro homem? Certamente uma presença, por meio da qual somos informados de que, apesar de tudo, há significado” (Buber, 1973, citado em Hycner, 1995, p. 113).

3.1 Considerações epistemológicas iniciais

Estabelecer uma discussão sobre a relação existente entre a epistemologia e a prática clínica da psicologia significa tomar o desenvolvimento do pensamento científico desde suas concepções remotas até as transformações ora vivenciadas. Em seus primórdios, a ciência reinava na objetividade, preconizando um conhecimento único da realidade, visando manipular, interferir e controlar a natureza. Assim como na matemática, o conhecimento científico buscava reduzir os fenômenos “na expectativa de chegar a seus elementos e relações mínimas, onde estaria a realidade da natureza” (Demo, 2000, citado em Neubern, 2004, p. 22).

Nesta perspectiva, quaisquer considerações de cunho subjetivo eram refutadas, dando lugar a uma visão de mundo a-histórica e ordenada por leis fixas que tentavam explicar cientificamente a realidade, de maneira que áreas do conhecimento como filosofia, literatura e artes não contavam com a confiabilidade advinda das ciências naturais, por serem situadas na subjetividade, contradição e irregularidade (Neubern, 2004).

Assim, em seus primórdios, a psicologia tentava obedecer aos critérios de pureza científica relacionados a leis universais de funcionamento da psique baseando-se em um modelo físico que obedecia a um mundo estático – o indivíduo era generalizado, buscando-se excluir as singularidades e classificando-o em categorias universais e invariáveis,

permanecendo contraditoriamente por muito tempo presa a sistemas rígidos de diagnóstico de patologias, numa tentativa de regularizar os fenômenos de ordem psíquica (Neubern, 2004).

Como o passar do tempo, porém, a discussão sobre a subjetividade inerente à psicologia tornou impensável a não consideração acerca do universo sociocultural dos indivíduos e suas relações históricas singulares. Nas palavras de Neubern (2004, p. 29), “a noção de uma verdade única excluía a possibilidade do sujeito e sua construção teórica”, refletindo assim a importância nascente desta discussão e uma forte necessidade de se acentuar a divisão entre teoria e prática, o que levou muitos clínicos a construírem abordagens mais intuitivas e singulares sem necessariamente sistematizá-las.

É o caso, por exemplo, das teorias psicológicas de abordagem humanista de base dialógica, nascidas da tentativa de refutar o caráter determinista das escolas psicodinâmicas de influência psicanalítica e o condicionamento racionalista proposto pelo Behaviorismo (Neubern, 2004), privando assim pela construção contínua do conhecimento por meio de uma relação terapêutica em que cliente e terapeuta atuam juntos.

Nesse contexto, vê-se que os humanistas colocaram-se contra o Behaviorismo opondo-se a alguns de seus pressupostos: em primeiro lugar eles não concordavam que a pesquisa com animais levaria a um real entendimento do ser humano e refutavam a escolha de temas de pesquisa psicológica escolhidos por adequação ao método experimental: para o humanismo as pesquisas deviam enfatizar a importância do ser humano e de sua experiência no mundo. Além disso, o humanismo criticava a concepção mecanicista dos indivíduos, pois acreditava na natureza proativa do ser humano, a qual seria também “automotivada” (Castañon, 2007).

Ademais, houve ainda uma reação à Psicanálise, considerada pelo humanismo como dogmática e reducionista, a qual prezava pela imagem de um homem determinado pelo seu lado obscuro. Maslow (1963) citado por Castañon (2007) diz que a refutação do humanismo

em relação à visão de homem enviesado pela Psicanálise deve-se ao fato de que nesta abordagem o ser humano é estudado como um ser perturbado e patológico, produzindo-se assim uma psicologia incompleta, que não leva em consideração o estudo das qualidades positivas das pessoas, tais como a alegria, a satisfação e o altruísmo, características estas intrinsecamente humanas.

Assim, a psicologia humanista buscou romper com as tradições deterministas e mecanicistas, considerando o homem um ser auto-orientado e criativo, detentor de um livre-arbítrio, o qual está em contínuo processo de “tornar-se e ser no mundo”, conforme prediz De Carvalho (1990) citado por Castañon (2007). Há uma busca por parte do humanismo em estudar as pessoas em seu pleno funcionamento, orientadas por escolhas, adaptáveis e mutáveis e em constante transformação, as quais podem alterar o curso de sua própria vida.

Neste ínterim, infere-se que o existencialismo influenciou nitidamente a construção de terapias dialógicas, de maneira que a experiência do sujeito, suas lutas, sofrimentos e conflitos perfazem o meio que fornece razão e dados para uma pesquisa sobre a compreensão dos seres humanos. De acordo com May (1980b), “existencialismo envolve a centralização na pessoa existente e enfatiza o ser humano como emergente, em evolução” (p. 13).

Ademais, a fenomenologia constituiu-se em um movimento filosófico que influenciou sobremaneira a construção de terapias dialógicas, sendo uma tentativa de se considerar em primeiro plano o fenômeno tal como é dado e tal como se apresenta. Relacionada à psicologia, a fenomenologia busca, conforme explicita May (1980b), disciplinar a mente do terapeuta para livrar-se de possíveis suposições acerca do cliente, de maneira a não “encaixá-lo” necessariamente em teorias ou dogmas antes estabelecidos.

Vê-se que a reflexão epistemológica em psicologia permitiu com o passar do tempo uma discussão maior sobre seus pressupostos teóricos, refutando posições absolutas acerca do psiquismo humano: “Vive-se, portanto, um momento de reflexão do qual não se sabe o

destino, porque as barreiras e separações que organizaram o conhecimento ocidental estão, cada vez mais, sendo transpostas e redimensionadas” (Neubern, 2004, p. 25).

A discussão epistemológica do humanismo, a qual influenciou a construção das terapias dialógicas ora estudadas, reflete-se no abandono do cientificismo no estudo da psicologia, tendo-se optado por não distorcer a imagem do ser humano para adequá-lo a métodos científicos (Castañon, 2007). Nesse sentido, os humanistas propõem que o sentido da experiência humana seja o verdadeiro objeto da psicologia, buscando assim compreender a experiência e não quantificá-la ou apenas tentar explicá-la.

Uma vez que o pressuposto básico da ciência moderna é o de que minimamente em algum de seus aspectos, o objeto de estudo deve estar submetido a leis, a psicologia humanista enfrenta um grande dilema para adequar-se à Ciência, uma vez que o sentido da experiência humana é impossível de ser quantificado, além de ser ilimitado e vasto. Desta forma, aspectos da experiência humana tornam-se objetos de pesquisa para o psicólogo humanista, que entretanto não encontram reconhecimento no modelo científico tradicional. Como estudar o amor, a angústia, o medo, a esperança, a felicidade, o sentido da vida, a responsabilidade, a morte e até mesmo os valores morais pela perspectiva tradicional científica se estes aspectos não são “passíveis de definição operacional, quantificação precisa e manipulação laboratorial, ou ainda muitas das vezes, sequer passíveis de reprodução?”, reflete Castañon (2007).

Desta maneira, vê-se que o ideário do pensamento pós-moderno corrobora a noção de que na contemporaneidade não há como teorizar a psique a ponto de generalizá-la e determiná-la, concebendo especificidades de como o sujeito deve ser e o que deve buscar, por exemplo. Tal concepção limitar-se-ia em possibilidades únicas e restritas, o que contradiz o espírito do tempo atual – permeado de incertezas e constantes mudanças (Neubern, 2004).

É neste contexto que se tratará neste capítulo dos fundamentos da psicologia dialógica, levando-se em consideração a angústia do homem pós-moderno frente à liberdade tão veemente idolatrada e paradoxalmente questionada, à medida que a “escolha de ser” dos indivíduos é constantemente redescoberta e reconstruída. “A psicoterapia deixa de ser um tratamento, em sua acepção limitada, para ser um encontro da pessoa com sua própria existência” (Xavier, 1980, p. 14).

3.2 A psicologia dialógica e o processo terapêutico

Hycner (1995) acredita que o termo “psicologia dialógica” veio à tona no início dos anos 80, quando foi incorporado ao nome do Instituto para Psicoterapia Existencial-Dialógica na Califórnia. Friedman (1995) explicita que a psicologia dialógica não perfaz nenhuma linha psicoterapêutica específica, sendo uma abordagem que pode ser utilizada em diversas escolas da psicologia.

Esta abordagem nasceu em refutação ao excesso de técnicas psicoterápicas surgidas nas últimas décadas, as quais pareciam resolver quaisquer problemas psicológicos existentes. “Todos nós precisamos de técnicas”, afirma Hycner (1995), mas “quando as técnicas têm supremacia, o lado humano fica obscurecido” (p. 22).

Desta maneira, a psicologia dialógica não visa o descobrimento de mais técnicas, infinitas existentes atualmente, mas sim aliá-las à relação entre pessoa e pessoa e ao inter-humano, objetivando assim a ampliação da habilidade relacional do cliente. Assim é que o termo “dialógico” refere-se à inerente característica relacional da existência humana (Hycner, 1995).

Torna-se necessário esclarecer que no contexto da abordagem dialógica, o diálogo “genuíno” ocorre quando a pessoa dele participante tem em mente o outro, concebendo-o

como um ser único e mantendo-se interessado em estabelecer uma relação mútua e viva com ele. A outra pessoa retribui esta atenção e portanto torna-se real o encontro entre as duas pessoas, conforme versa Buber (1965a), citado por Hycner (1995).

Há dois outros tipos de interação muito comuns em nossa atualidade mas que não constituem o verdadeiro diálogo: a comunicação técnica – absolutamente formal e objetiva, e os monólogos disfarçados de diálogo – que acontecem quando cada um dos participantes da conversa apenas está interessado em si mesmo. Em ambos os casos, “não há interesse real ou preocupação com a alteridade da outra pessoa. Ambos são formas de pseudodiálogo” (Hycner, 1995, p. 69).

Holanda (1998) cita Buber (1982) ao referir-se à dialogicidade: esta diz respeito à relação, a qual não ocorre no homem e sim “entre” este e o outro que lhe está a frente. O dialógico refere-se ao movimento de voltar-se para o outro, enquanto o monológico relaciona-se ao dobrar-se em si mesmo, o qual é diferente de egoísmo, cabe ressaltar. Dobrar-se em si mesmo, de acordo com Buber (*id.*), é retrair-se diante da possível aceitação ao outro e assim enxergar a existência deste outro apenas pela própria ótica.

Infere-se que a psicologia dialógica pressupõe um processo que deve compor a terapia, no sentido de que o problema trazido pelo cliente deve ser exposto com base na existência dele, sendo o terapeuta parte deste mundo, uma vez que participa ativamente na construção de alternativas à problemática de “ser no mundo” do cliente (May, 1980b).

Assim, o problema ou a doença trazidos pelo cliente não são o foco “em si” do estudo da psicoterapia dialógica e sim, conforme dispõe May (1980a), o mundo representado pelo consultório do terapeuta, no qual há duas pessoas existentes e onde “o paciente cria um determinado mundo, sendo no contexto desse mundo que alguma compreensão do paciente pode surgir (p. 84)”. Vê-se então que tanto cliente quanto terapeuta participam juntos da

construção deste mundo, a fim de elaborarem através de um processo dialógico, alternativas e ressignificações concernentes ao sofrimento trazido pelo cliente.

Vê-se ainda que a psicologia dialógica é uma abordagem que preza pela ênfase no aqui e agora e pela alteridade e singularidade do cliente, respeitado o seu “centro dinâmico”, ou seja, sua forma própria de ver e viver no mundo, e sua experiência de vida, refletindo uma clara influência das correntes de pensamento fenomenológicas, em que o fenômeno, ou seja, a história trazida pelo cliente, é visto em si mesmo, sem conceitos ou hipóteses pré-estabelecidas pelo terapeuta (Hycner, 1995).

Nesse sentido, a chamada psicoterapia dialógica traduz-se no genuíno encontro do terapeuta com seu cliente, de maneira que a mutualidade torna-se o ponto central da transformação pessoal do cliente, a qual se dará através do encontro. Há um contato e confiança mútuos presentes na relação terapêutica, na qual a adversidade apresentada, seja ela uma doença ou um problema, é comum a terapeuta e cliente. O terapeuta detém interesse genuíno pelo problema trazido pelo cliente e é no “entre” presente na relação que o processo terapêutico pode se estabelecer (Friedman, 1995).

Assim, a postura dialógica é estabelecida quando o terapeuta suspende seus pressupostos, colocando-os “em parênteses”, conforme cita Hycner e Jacobs (1997), sem preconceitos ou idéias prontas que possam interferir no encontro. Há uma tentativa de suspender os vieses pessoais do terapeuta, na medida em que este tenta estar o mais aberto possível para a singularidade do cliente, a fim de que possa emergir um profundo respeito pela alteridade e humanidade do cliente.

A compreensão deste “entre”, ou seja, da natureza relacional da existência humana estudada pela psicologia dialógica, pode ser apreendida, conforme explicita Buber (1958b) citado em Hycner (1995), nas duas polaridades que se configuram como atitudes que o indivíduo pode estabelecer ao se relacionar com o mundo: Eu-Tu e Eu-Isso.

A atitude Eu-Tu demonstra o genuíno interesse na pessoa com quem o outro se relaciona, respeitando-se a alteridade deste outro, ou seja, sua condição de ser um ente separado e autônomo, mas que compartilha da mesma condição de humanidade: “A pessoa é um fim em si mesma e não um meio para atingir um fim; e reconhecemos que somos uma parte dessa pessoa” (Hycner, 1995, p. 24).

De acordo com a psicologia dialógica, a relação Eu-Tu é que deve configurar a maior parte da relação terapeuta-cliente, de maneira que o terapeuta volta-se para o “ser” do cliente, possibilitando um encontro verdadeiro, permeado de mútuo diálogo dentro do *setting* terapêutico. A aproximação genuína do terapeuta com o cliente tende a fornecer uma contrapartida recíproca deste, favorecendo o desenvolvimento da psicoterapia (Hycner, 1995).

Holanda (1998) esclarece, contudo, que a atitude Eu-Tu não é um momento ininterrupto e permanentemente sustentado, pois é caracterizado também pela fugacidade. Assim, é um momento que ocorre na terapia para posteriormente, ocorrer em outros momentos da vida do cliente, ressignificando suas relações com o mundo.

Assim, a atitude dialógica favorece mudanças no que se refere às relações humanas na atualidade, favorecendo o processo de transformação psíquica: “A atitude com que me aproximo do outro é, também, a atitude com que me aproximo de mim mesmo. Se valorizo o outro, isso reflete minha própria autovalorização. Se transformo o outro em objeto, também serei um objeto” (Hycner, 1995, p. 25).

A atitude Eu-Isso, ao contrário, ocorre quando o indivíduo é para o outro com quem se relaciona um “objeto” a ser utilizado como meio para se chegar a um fim. Vê-se que a atitude Eu-Isso não é intrinsecamente negativa, pois é necessária em muitos aspectos da vida humana, como por exemplo as relações de ordem estritamente profissional e comercial. A própria ciência não seria possível sem a atitude Eu-Isso, pois esta é a fundamentação do saber, do mundo da experiência e da utilização (Holanda, 1998).

Contudo, a predominância desta atitude, tão comum na contemporaneidade, é que leva à ruptura das relações afetivas e à diminuição da possibilidade de um encontro verdadeiro entre as pessoas, conforme explicita Hycner (1995).

O diálogo, então, emergirá quando as duas pessoas presentes em uma relação estiverem dispostas a transcender a atitude do Eu-Isso para valorizarem-se, aceitarem-se e respeitarem a alteridade de ambas, ultrapassando a dimensão da própria individualidade: entrar na esfera do “entre”, conforme dispõe Buber (1958b) citado em Hycner (1995).

Esta é a proposta primeira da psicologia dialógica: favorecer esta entrada no “entre” através da psicoterapia, a fim de que o cliente esteja apto também a estabelecer um verdadeiro e saudável diálogo nas suas relações com o mundo, nas quais a existência sadia é marcada pelo equilíbrio entre relação e separação, inerente à esfera inter-humana: “somos tanto uma parte de outros seres humanos como estamos apartados deles” (Hycner, 1995, p. 26).

A psicoterapia dialógica é um processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento que ocorre no encontro, na mutualidade estabelecida entre cliente e terapeuta. O processo terapêutico surge, conforme prediz Holanda (1998) como uma vivência que envolve estar com o outro, na medida em que se busca superar as barreiras rumo ao encontro, o qual permitirá ao cliente uma real expressão de sua individualidade.

O terapeuta que utiliza a abordagem dialógica precisa desenvolver a habilidade de manter uma “presença-distanciada” durante seu trabalho, sendo capaz de estar totalmente presente e disponível à demanda do cliente e ao mesmo tempo apto a refletir sobre a experiência vivenciada por si mesmo durante a terapia, sem perder a objetividade, conforme explicita Hycner (1995). É necessário que o terapeuta entre no mundo do outro de forma a percebê-lo a partir da perspectiva do próprio cliente, utilizando-se de empatia e reconhecimento.

Nesse sentido, o psicoterapeuta de abordagem dialógica deve praticar o que Buber (1965b) citado por Hycner (1995) chama de inclusão. Trata-se de uma mobilização grandiosa do “ser” do terapeuta para dentro da vida do cliente, “uma tentativa intensa de experienciar a experiência da outra pessoa tanto quanto a sua própria” (p. 59), devendo o terapeuta manter-se, ainda assim, centrado em si mesmo. Esta é uma condição momentânea que não se confunde com a empatia – sentimento este que reside “dentro” e não “entre” os indivíduos.

Quando o cliente também começa a experienciar o lado do terapeuta e a interessar-se pelo seu ponto de vista, diz-se que ele também pratica a inclusão e este é um indício de que a pessoa está pronta para encerrar a terapia. “O *self* do cliente reconhece e aprecia o *self* do terapeuta e extrapolando, também o *self* dos outros” (Hycner, 1995, p. 60).

Assim, o processo de transformação psíquica voltado para este enfoque terapêutico não depende tanto da orientação teórica do terapeuta, mas sim de sua atitude voltada para a disponibilidade de seu próprio *self* de ir ao encontro do *self* do cliente. O terapeuta deixa de lado a segurança dos métodos para enveredar no encontro propriamente dito. É neste “entre” relacional entre terapeuta e cliente que o processo terapêutico pode se dar dentro de uma perspectiva dialógica: “Isso envolve o reconhecimento de quanto cada pessoa está contribuindo para a coesão, ou para o desencontro na relação” (Hycner, 1995, p. 31).

Nesse sentido, Hycner (1995) corrobora a idéia de que a abordagem dialógica parece afinar-se mais às escolas de influência existencial-fenomenológica como a terapia centrada no cliente ou *gestalt* terapia, por exemplo, nas quais o “entre” é mais enfatizado no processo terapêutico. Em contrapartida, escolas de influência psicanalítica costumam prezar mais pelos processos intrapsíquicos do cliente, enquanto abordagens de cunho comportamental denotam certa distância na relação terapêutica, sendo a relação em si menos valorizada.

Ainda assim, levando-se em consideração os limites óbvios dos diversos sistemas terapêuticos existentes, Hycner (1995) acredita ser possível estabelecer um diálogo sobre a

riqueza da natureza relacional do ser humano nos diversos contextos psicoterápicos existentes, a fim de propiciar a transformação pessoal através da mudança de seu relacionamento com os outros e o mundo.

A preocupação central da psicologia dialógica é, portanto, tentar compreender o ser humano em sua vasta natureza, não havendo necessariamente uma predominância da dimensão intrapsíquica, interpessoal ou transpessoal vivenciada pelo cliente. O terapeuta dialógico procura estudar o contexto todo, embora em alguns momentos do processo terapêutico um destes aspectos citados possa ser mais intensamente trabalhado, conforme explicitado por Wilber (1984) citado por Hycner (1995).

3.3 Sofrimento psíquico e as relações humanas: reflexões

Vive-se na atualidade um momento em que prevalece o individualismo, no qual os indivíduos são encarados como entidades separadas, sendo a relação entre as pessoas pouco valorizada, levando a um crescente distanciamento entre os seres. Essa realidade leva a intenso sofrimento psíquico os indivíduos, gerando um colapso dos relacionamentos na pós-modernidade e incorrendo em solidão, depressão, relações destrutivas, adiões das mais diversas, ansiedade e estresse. A não importância do inter-humano “resulta em isolamento, alienação e no inevitável narcisismo dos dias modernos”, explicita Hycner (1995). “A fobia moderna de intimidade é um reflexo disso” (p. 23).

Nesta perspectiva, vê-se que o indivíduo pós-moderno sente-se corriqueiramente ameaçado em seu ego, engendrando grande esforço para desenvolver uma identidade própria, que apesar de tudo é bastante frágil. Esta insegurança excessiva leva ao medo da perda do *self* quando o indivíduo relaciona-se com alguém e por isso a separação é tão enfatizada na contemporaneidade: o número cada vez maior de divórcios torna-se uma constatação deste

fato. Cria-se um alto nível de alienação, isolamento, apatia e amortecimento da própria existência, conforme dispõe Hycner (1995).

Ademais, percebe-se que a contemporaneidade é marcada por ser um período permeado de intensas transições, as quais deixaram para trás costumes e tradições antes estabelecidos. Assim, explicita Rollo May (s/d) citado por Xavier (1980) que as pessoas se encontram em um momento de intensa ansiedade, pois se sentem desprovidas de significação individual, estabelecendo-se uma luta incessante para que cada um encontre uma identidade que lhe dê sentido num mundo cada vez mais anônimo.

Assim é que o consumo exagerado emerge como alternativa de fornecer às pessoas essa significação individual tão almejada. “A equação parece ser: quanto mais adquirimos, melhores seremos. O sucesso como pessoas é igualado ao sucesso financeiro” (Hycner, 1995, p. 84). Neste ínterim, vê-se que o indivíduo pós-moderno enfatiza em excesso a relação Eu-Isso, muito mais segura e desprovida de riscos emocionais, porém menos compensadora e mais alienante, levando as pessoas a “coisificarem” umas às outras, o que incorre em empobrecimento dos vínculos afetivos (Hycner, 1995).

Neste contexto, a abordagem dialógica preza por uma intensa mudança nas relações estabelecidas na pós-modernidade, enfatizando o aspecto inter-humano dos relacionamentos, de maneira a resgatar o diálogo que se perdeu na ênfase excessiva no indivíduo e à pouca importância dada à relação (Hycner, 1995).

Nesta busca pelo encontro genuíno, o terapeuta busca aumentar a responsividade dialógica do cliente, o qual sentindo-se confirmado pelo terapeuta, ou seja, sentindo-se afirmado como “Tu”, também será capaz de perceber os outros como “Tu”, não se ressentindo mais da falta de recursos emocionais ou da ameaça de engajar-se plenamente em uma relação. (Hycner & Jacobs, 1997).

Na abordagem dialógica um dos pontos centrais da terapia é oferecer confirmação ao cliente, uma vez que a base do sofrimento psíquico, de acordo com Buber (s/d) citado por Hycner (1995) é a falta da confirmação que cada pessoa anseia para perceber-se efetivamente humana e experimentar relações genuínas com os outros. Quando o terapeuta confirma o cliente, aceitando-o sem julgamentos e experienciando sua vivência como se dele fosse, o indivíduo reconhece a si e aos outros como pessoas dignas de valor.

O cliente tem a sensação, simultaneamente, de ser um indivíduo separado e de estar centrado e em relação, o que lhe dá a confirmação necessária na terapia. O cliente agora está mais capacitado a experienciar a outra pessoa como “Tu” (Hycner, 1995, p. 62).

Rogers (1980) corrobora esta idéia, explicitando que a terapia é um encontro entre duas pessoas, sendo o terapeuta livre para ser ele mesmo no sentido de mostrar-se ao cliente como uma pessoa transparente e real. Assim, a empatia e aceitação podem ser de fato sentidas pelo cliente, que ao ser confirmado em suas potencialidades, torna-se dono do próprio destino através da própria consciência. Tornando-se mais consciente, concede também mais sentido às experiências vividas, sendo este o objetivo primordial da terapia: tornar a pessoa humana mais autônoma e capaz de escolher o próprio caminho.

Se aceito a outra pessoa como alguma coisa definida, já diagnosticada e classificada, já cristalizada pelo seu passado, estou assim contribuindo para confirmar essa hipótese limitada. Se a aceito num processo de transformação, nesse caso o que faço pode confirmar ou tornar real as suas potencialidades (Rogers, 1961, citado em Holanda, 1998, p. 187).

De acordo com a abordagem dialógica, os bloqueios neuróticos surgem em grande parte devido à desvalorização da experiência vivenciada pela pessoa em sofrimento, que não se sentindo confirmada não aprende também a apreciar e a valorizar a própria experiência (Hycner, 1995).

A psicologia dialógica surge, portanto, como uma tentativa de sanar as rupturas que se observam na civilização atual, resgatando a importância das relações. Nesse sentido, no que concerne à relação entre terapeuta e cliente, Buber (1958b) citado em Hycner (1995) enfatiza que o significado do inter-humano valorizado pela psicologia dialógica “não será encontrado em qualquer um dos dois parceiros, mas somente no diálogo entre eles, no entre que vivido por ambos” (p. 23).

Tornar o homem consciente desta experiência de vazio que permeia a pós-modernidade é então o papel da psicologia dialógica, na qual a *gestalt* terapia e da terapia centrada na pessoa estão baseadas, por exemplo. Refletir sobre a sensação de ser incapaz de realizar algo eficaz a respeito da própria vida é uma das prioridades deste tipo de terapia, de maneira a tornar o indivíduo consciente das sensações de desespero e futilidade que incorrem em apatia e posterior hostilidade, fatores desencadeantes de sofrimento psíquico e ansiedade (Xavier, 1980).

A busca pela criatividade e originalidade priorizadas nas terapias de base dialógica visa ainda criar condições para que as pessoas reflitam sobre seus valores e sentimentos, levando-as a explorar profundamente o próprio íntimo, a fim de encontrarem uma nova maneira de orientar-se e integrar-se, para construírem uma nova visão de mundo e de si mesmas. Trata-se de uma construção realizada lado a lado, no “entre” da relação estabelecida entre cliente e terapeuta: “a psicoterapia fornecerá ao cliente um contexto que é um universo humano, assim como um universo real, da própria existência como pessoa em relação com o terapeuta” (Xavier, 1980, p. 20).

Desta forma, vê-se que a abordagem dialógica vem ao encontro das necessidades do homem pós-moderno de buscar sentido dentro de si mesmo, dada a atual realidade objetiva que preza o individualismo e consumo em detrimento do próprio ser humano e suas relações com o mundo. A psicologia dialógica-existencial é uma atitude, conforme conclui May

(1980b), “é antes uma preocupação em compreender a estrutura do ser humano, e sua experiência, à qual deve, em maior ou menor grau, estar subordinada toda a técnica” (p. 21).

May (1980a) diz ainda que em terapia é preciso respeitar o fato de que as pessoas são centradas em si mesmas, sendo que um ataque a este centro representa um ataque à própria existência da pessoa. Desta maneira, os sintomas que a primeira vista podem ser considerados como patológicos por outras vertentes da psicologia, tais como o behaviorismo ou psicanálise por exemplo, na terapia dialógica podem indicar a maneira pela qual a centralidade desta existência tenta ser protegida de ameaças pelo indivíduo. Trata-se de um ajustamento, uma forma de aceitar o “não-ser”. Ajustamentos estes que podem ser observados na intensa ansiedade e angústia que permeiam nossa contemporaneidade.

Assim é que a consciência acerca desta possível ameaça proveniente da hostilidade do mundo pós-moderno é buscada pela abordagem dialógica, a fim de que o indivíduo se permita conhecer e de fato vivenciar a própria experiência, perpassando determinada situação de conflito, modificando sua percepção e tornando-se livre para adaptar-se a novos comportamentos e atitudes, construídos ao longo do processo terapêutico. Explicita May (1980a) sobre a questão: “é tarefa do terapeuta, portanto, não somente ajudar o paciente a tornar-se cômico, mas mais importante, ajudá-lo a transmutar sua percepção em consciência” (p. 91).

Uma nova maneira de viver os relacionamentos e a transformação pessoal, enfatizam Hycner e Jacobs (1997) ocorrem justamente quando há uma clarificação da consciência por parte do cliente, quando ele passa a investir na própria experiência, aceitando-a. Desta forma, os autores acreditam que esta aceitação dar-se-á à medida em que a relação Eu-Tu vivenciada entre terapeuta e cliente aprofundem esse processo de aceitação, havendo portanto uma relação intrínseca entre a relação Eu-Tu e o processo de clarificação da consciência: “À medida que cada um de nós fica aprisionado no monólogo, ameaçamos nossa própria

sobrevivência: em termos de evolução psicológica, uma ênfase dialógica pode ser o próximo passo necessário para sobrevivermos” (Hycner & Jacobs, 1997 p. 103).

Percebe-se assim que na pós-modernidade há uma clara quebra do diálogo “entre” as pessoas, da qual a angústia, o sofrimento e ansiedade demonstram ser eventos não saudáveis decorrentes da ruptura deste “entre”, do qual Buber (1958b) citado por Hycner (1995) se refere.

Desta forma, o processo terapêutico dialógico busca reparar a “ordem perturbada da existência, através da dedicação ativa. Isso implica caminhar do diálogo interrompido à retomada do diálogo”, conforme explicita Friedman (1995, p. 12), dando a oportunidade à pessoa vivenciar plena e satisfatoriamente os aspectos relacionais consigo mesma e com os outros.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE MIDIÁTICA: “WALTER”

4.1 O seriado *In Treatment*

In Treatment é uma série americana, vinculada a uma grande emissora de televisão de transmissão fechada, vencedora de um Globo de Ouro e dois *Emmys*. O seriado estreou em janeiro de 2008 e baseia-se em uma célebre série israelense chamada “Be’Tipul”.

Os episódios trazem um foco dinâmico acerca das sessões de psicoterapia - uma verdadeira necessidade da sociedade atual, e mostram o cotidiano de um terapeuta durante sua semana no consultório, através das sessões com seus pacientes.

O seriado trata ainda do intrincado universo pessoal e profissional de um terapeuta, chamado Paul Weston, em meio às diversas perspectivas vivenciadas pelo ser humano, de acordo com informações do site oficial da HBO (<http://www.hbo.com/in-treatment/index.html>).

Esta análise midiática baseia-se em seis episódios da segunda temporada do seriado, os quais relatam as experiências vivenciadas pelo personagem Walter Barnett durante as sessões psicoterapêuticas realizadas no consultório do terapeuta Paul, o qual não deixa clara a linha psicoterápica utilizada em seu trabalho. Cada episódio constitui-se em uma sessão, uma por semana, totalizando seis semanas de tratamento.

Objetiva-se com esta análise estudar os diálogos vivenciados pelos personagens e identificar elementos presentes nas falas de cliente e terapeuta que denotam a problemática do sofrimento psíquico e desgaste nas relações humanas vivenciadas na pós-modernidade, contexto que propiciou a realização deste trabalho, além de identificar a postura dialógica do terapeuta no decorrer das sessões de psicoterapia e suas implicações no processo terapêutico.

4.2 História de vida e principais queixas apresentadas

Walter Barnett é um senhor de cerca de 70 anos de idade, casado há 44, pai de três filhos adultos, sendo dois homens e uma mulher, que é a caçula. Walter é um homem muito engajado na vida profissional, diretor-executivo de uma grande empresa há mais de 35 anos e que detém alto poder aquisitivo. Walter relata trabalhar cerca de 15 horas por dia e que somente às custas de muito esforço pessoal e profissional conseguiu prestígio e conforto material.

Foi soldado na guerra do Vietnã e quando retornou aos Estados Unidos, seu país de origem, empreendeu inúmeros esforços para crescer profissionalmente e ganhar muito dinheiro. Walter diz que seus dois filhos sempre se aproveitaram da situação abastada da família para viver confortavelmente e não se preocuparem com responsabilidades. A filha, contudo, “é diferente”, segundo ele, pois no último ano da faculdade de medicina foi morar em Ruanda para realizar trabalhos voluntários e prestar atendimento às comunidades pobres da África.

Walter diz que buscar terapia foi idéia da esposa. Ele diz que sofre de insônia e que a mulher, impossibilitada de dormir em virtude da dificuldade relatada pelo marido, o requisitou a procurar tratamento.

O cliente relata que já fez uso de diversos medicamentos ansiolíticos, mas diz que agora não pode mais tomá-los uma vez que os remédios o deixam confuso e o atrapalham na vida profissional, tornando-o disperso para tomar decisões importantes na empresa. O psiquiatra responsável pela prescrição dos medicamentos o diagnosticou inicialmente com transtorno de ansiedade.

4.3 Análise dos diálogos apresentados

Na primeira sessão, Walter se apresenta ao terapeuta Paul e relata ser um importante executivo de uma fábrica de leite em pó, sendo muito ocupado e requisitado nas atividades profissionais. Walter diz que o principal motivo que o trouxe à terapia é a insônia e que já tomou alguns medicamentos, mas que agora prefere não mais utilizá-los.

Paul: *Quem era seu psiquiatra?*

Walter: *Está brincando? Isso é a última coisa que preciso agora: uma manchete dizendo que o diretor-executivo está em tratamento psiquiátrico.*

P: *Gostaria de falar mais sobre isso?*

W: *Estou acostumado com o estresse e as crises. Em toda a minha vida, independente da dificuldade, sempre consegui dormir. Se cochilasse uma hora, estava pronto para mais 24.*

P: *Apenas uma hora?*

W: *Assim consegui chegar aonde cheguei, trabalhei com o dobro de vontade e o dobro de tempo. Minha mulher me chamava de super-homem. Mas agora não durmo, não trabalho. Preciso estar no meu melhor nível para trabalhar e não estou conseguindo. Quando minha mulher disse que estava grávida da minha filha, eu disse: está brincando? Não tenho tempo pra isso.*

P: *Deve saber que o tipo de terapia que utilizo não dá resultados imediatos, é um processo no qual as mudanças vão acontecendo gradualmente.*

W: *Devo dizer que eu não tenho muito tempo. Só de estar aqui na sua frente falando dos meus sentimentos, isso me custa dinheiro, dinheiro da empresa, dos funcionários, por isso pode me dizer, qual é o meu problema?*

Em face aos diálogos acima apresentados, evidencia-se que Walter corrobora muitas características da pós-modernidade estudadas no primeiro capítulo deste trabalho. Walter demonstra preocupação ao ser ridicularizado pela mídia, caso os jornalistas descubram que está em tratamento psiquiátrico. Este fato constata sua preocupação em manter a notoriedade social e o *status*, elementos indispensáveis à manutenção de sua vida bem-sucedida. É a confirmação de uma vida voltada ao espetáculo, conforme versa Debord (1997), na qual “parecer” é mais importante do que “ser”: as aparências devem ser mantidas para que o lugar do indivíduo seja respeitado na sociedade e ele possa ter um lugar no mundo.

Ademais, observa-se na atualidade há uma responsabilidade exacerbada do indivíduo sobre si mesmo, incorrendo na valorização extrema do individualismo e na busca de satisfação através dos próprios esforços, conforme explicita Bauman (2000). Nesse sentido,

vê-se que Walter demonstra esforçar-se intensamente para conseguir seus objetivos profissionais, trabalhando muito, descansando pouco e deixando claro que só conseguiu chegar onde está porque se esforçou muito por isso.

Há ainda uma clara tentativa do cliente em extrapolar sempre os próprios limites, objetivando sempre o melhor desempenho de si mesmo. Para Lipovetsky e Charles (2004) a busca pela maximização das habilidades individuais deve-se à necessidade de adaptação gerada pela aceleração do ritmo de vida vivenciada na contemporaneidade.

A escassez de tempo e a monetização das relações, conforme versa Harvey (1992) também é uma constante nos tempos atuais, levando o indivíduo a experimentar sentimentos de angústia e insatisfação, uma vez que a plenitude na vivência das relações torna-se diminuída. É o que se observa nas falas finais de Walter neste diálogo, o qual busca imediatismo nas resoluções de problemas, evidenciando a sensação de que não se pode perder tempo, pois “tempo é dinheiro”.

Na segunda sessão, Walter relata que alguns canos da fábrica de leite em pó na qual é gerente-executivo foram infectados por uma substância perniciosa, levando à contaminação do material produzido. Muitas crianças ficaram doentes e este fato gerou um escândalo na mídia, fato que envolveu o seu nome. Walter revela ainda que tem ataques de pânico recorrentes desde os seis anos de idade e relata a Paul um incidente recente.

W: *Tive um ataque na semana passada, entrando no elevador.*

P: *Como aconteceu?*

W: *Encontrei um novo guarda no prédio em que trabalho. Achei este fato estranho, pois há 30 anos mostro minha carteira de identificação ao Bob, o guarda responsável pela vigília do prédio. Mas neste dia ele não estava. Então eu entrei no elevador, meu coração acelerou e a garganta se fechou.*

P: *O que aconteceu com o antigo guarda?*

W: *Fiquei sabendo que ele teve um ataque cardíaco. Desapareceu.*

P: *Talvez haja alguma relação entre o ataque e a perda de Bob.*

W: *Você só pode estar brincando. Eu, sentindo falta de Bob? Não. Ele não era importante para mim. Sinto pela família dele, mas não, ele não era importante para mim.*

Observa-se nas falas de Walter um distanciamento sobre sua relação com Bob. Apesar de conhecê-lo há 30 anos, Walter não se sente ligado a ele de maneira alguma, revelando a condição exposta por Bauman (2000), quando este atribui aos tempos pós-modernos um medo da relação com os outros, vistos como “estranhos”. Além disso, é possível que Walter não reconheça Bob como um ser visível dentro de seu contexto social. Conforme esclarece Bauman (2000), na contemporaneidade os indivíduos de baixo poder aquisitivo são marginalizados e excluídos, tornando-se seres “invisíveis”, por não se adequarem ao padrão social ora valorizado.

Na pós-modernidade, busca-se minimizar ao máximo o contato com o outro, a fim de não estender o tempo de encontro (Bauman 2004). Constata-se a partir das falas estudadas, a fragilidade das relações sociais vivenciadas por Walter, que dá pouca importância à interação, privilegiando a objetividade das relações e incorrendo em uma indiferença velada que reflete uma tentativa de proteção de si mesmo e da própria individualidade.

Estas relações sociais distantes e focadas na objetividade marcam, na pós-modernidade, a transitoriedade e superficialidade dos vínculos, uma vez que se baseiam na lógica do mercado consumidor: as relações passam a ser importantes se forem necessárias a algum objetivo proposto pelo indivíduo (Harvey, 1992).

Na terceira sessão, Walter chega atrasado ao consultório de psicoterapia, carregando uma mala e falando ao celular com sua secretária sobre problemas referentes ao trabalho. Paul sugere remarcar a sessão, uma vez que Walter parece muito focado em resolver problemas materiais, mas Walter prefere ficar. A mala que ele carrega é da viagem que acabou de fazer a Ruanda, no intuito de buscar a filha.

W: *Quando cheguei lá ela estava muito diferente. Disse que me encontraria para jantar depois, na grande tenda. Em seguida apontou para uma espécie de barraco para o caso de eu querer descansar. Ela morava num daqueles barracos, parecia uma latrina! E ela dormia lá.*
P: *Imagino o quanto foi perturbador para você. Passa a vida toda provendo um bom lar e é assim que ela escolhe viver.*

W: *Entende agora por que fui lá? Ela não quis vir comigo, ela partiu meu coração. Disse que essa forma dela viver era a única maneira de se libertar de mim, pois segundo ela eu sou autoritário, controlador e obsessivo.*

P: *Entendo. Mas, podemos falar do jeito em que chegou aqui hoje? Completamente no comando, com dois celulares, entregando-me sua bolsa. Não tanto pelo lado pejorativo, mas algo assim.*

W: *Desculpe-me se o ofendi.*

P: *Não, não me ofendeu. Mas foi algo que me chamou a atenção.*

Nas falas de Paul acima mencionadas, percebe-se uma atitude dialógica de valorização do aspecto inter-humano da relação com Walter. A partir da reflexão de Holanda (1998), o qual diz que o ato terapêutico é “um falar ao outro, um ato em si, no qual a fala é compreendida na sua dimensão de troca, da fala que é expressa e da fala que é ouvida” (p. 202), vê-se que há um autêntico ouvir e falar por parte do terapeuta Paul, o qual retrata autenticidade ao falar sobre sua percepção acerca do comportamento controlador de Walter.

É este envolvimento face-a-face, sincero e autêntico, por parte do terapeuta, que favorece o encontro, o “entre” da relação, incorrendo no diálogo e na aceitação mútua entre terapeuta e cliente, os quais poderão produzir posteriormente mudança nas relações do cliente com o mundo.

A conversação genuína, esclarece Holanda (1998), confirma mutuamente os participantes e embora não signifique aprovação do que o outro está fazendo, incide em diminuição da alienação acerca da existência do outro, confirmando-o como ser existente e atuante enquanto pessoa. É desta maneira que se permite um diálogo entre pontos de vista adversos entre si e desta forma que o cliente poderá aceitar-se como pessoa para depois aceitar o outro em suas relações, construindo vínculos mais fortes e satisfatórios.

Na quarta sessão Walter relata que perdeu o emprego, pois foi acusado de ter agido com negligência quanto à contaminação do leite em pó produzido pela fábrica que ele trabalha. Walter demonstra profundo pesar e abatimento emocional.

W: *Perdi meu emprego, minha reputação. Levaram embora meus celulares. A coisa boa é que agora tenho tempo para conversar com você. Fiz tudo o que pude fazer, fiz a coisa certa, mas mesmo assim, perdi tudo. O mundo hoje é muito mais agressivo do que em 1982. Assumi*

a responsabilidade pelo meu erro, mas mesmo assim, os noticiários, os blogs, todos me perseguem. Tenho certeza de que fui traído por algum de meus empregados.

P: *E como se sente agora, que tudo isso aconteceu?*

W: *Como um velho que ficou tempo demais no ringue.*

P: *Sente-se como um boxeador que foi nocauteado.*

W: *Exato. Baixei a guarda, mereci tudo o que aconteceu. Confiei nas pessoas erradas, nos laboratórios errados. Foi sob minha supervisão que este veneno adentrou os canos e foi parar nas prateleiras. E agora, Paul? Vai me dizer que nada aconteceu? Que a vida é bela, é uma bênção?*

P: *Não acho que nada aconteceu. Pelo contrário, imagino como se estivesse passando por uma provação.*

W: *Por que não me diz o que pensa de mim? Deve me achar um insensível, um ganancioso, que não liga se os produtos dele matam pessoas inocentes. Pode dizer a verdade, já passei por muito essa semana, pode falar!*

P: *A verdade é que estou bravo. Estou nervoso pelo o que fizeram a você. Acho que você é um homem de integridade. Não estou passando o mesmo que você, mas entendo a sua sensação de raiva, de se sentir traído.*

Observa-se, a partir das falas de Walter neste diálogo, um sentimento de vazio e desnorteamento, condizentes com a insegurança própria dos nossos tempos. O contexto de profundas mudanças, velocidade e transitoriedade da pós-modernidade, leva os indivíduos a se engajarem para maximizarem suas potencialidades, a fim de obterem sempre o melhor de si mesmos, custe o que custar (Lipovetsky & Charles, 2004), idéia que se comprova nas falas de Walter neste diálogo.

Assim, Walter diz que desde 1982 tudo mudou muito rápido e que ele se sente “um velho no ringue”, demonstrando um sentimento de fracasso e decepção consigo mesmo. Corroborar-se, assim, o contexto da hipermodernidade elaborado por Lipovetsky e Charles (2004), no qual há a busca exacerbada pela realização individual e pela valorização da distinção social e do *status quo*, fazendo emergir sentimentos de vulnerabilidade e degradação da vida pessoal, os quais são experimentados por Walter nesta sessão.

Walter sente que sua vida acabou, pois agora está desempregado, sem notoriedade social e sem utilidade no mundo. O emprego na fábrica, seu *status* e importância social é que davam a ele um sentido de ser no mundo. Porém, o desemprego parece ter dado lugar a um grande vazio existencial, pois sua vida estava voltada quase que exclusivamente para o

sucesso profissional, sendo que nada mais em sua vida era cultivado. A relação de Walter era consigo mesmo e com o seu trabalho, de forma que suas relações afetivas foram subvalorizadas, corroborando o pensamento de Bauman (2000), quando este diz que na pós-modernidade há um esforço para não se envolver nas relações afetivas, numa tentativa de manter a integridade do próprio individualismo, o que parece ser a única segurança de que dispõe o indivíduo frente à volatilidade experienciada na pós-modernidade.

Nota-se ainda a fragilidade da identidade de Walter, levando-se em consideração a perspectiva pós-moderna (Lipovetsky & Charles, 2004): há uma superficialidade inerente à sua vida, que não o faz adentrar em si mesmo para se descobrir de fato. Assim, ao dizer que perdeu tudo o que tinha, por ter confiado nas pessoas erradas e ter “baixado a guarda”, Walter novamente demonstra volta-se para si, denotando um sentimento de esforço em vão e fragmentação da própria identidade, pois o que acreditava “ser no mundo”, um homem bem-sucedido, respeitado e detentor de *status* e poder aquisitivo, simplesmente desapareceu com a sua demissão.

Ademais, percebe-se também uma postura genuinamente dialógica por parte do terapeuta Paul, o qual demonstra um profundo interesse pela realidade relatada por Walter, respeitando o seu “centro dinâmico”, ou seja, sua forma própria de ver e viver no mundo, e sua alteridade humana, conforme descreve Hycner (1995) sobre a abordagem dialógica. Há uma tentativa de Paul em enxergar a realidade pela ótica de Walter, buscando experienciar as vivências do cliente como se fossem do terapeuta, utilizando-se de empatia e reconhecimento. Paul diz que entende a sensação de traição relatada por Walter, realizando a chamada “inclusão” defendida por Buber (1965b) citado por Hycner (1995): trata-se de uma mobilização grandiosa do “ser” do terapeuta para dentro da vida do cliente, a fim de reconhecê-lo e confirmá-lo.

Na quinta sessão Paul fica sabendo que Walter está internado em um hospital, com suspeita de intoxicação alimentar. Porém, sabe-se depois que Walter tomou muitos remédios na tentativa de suicidar-se. Paul vai até o hospital onde Walter está e inicia uma conversa terapêutica.

W: *Uma noite você vai dormir e não acorda mais. Eu tomei as pílulas, engoli e tomei mais algumas. Eu só queria que tudo acabasse, só isso.*

P: *Tudo bem, Walter, tudo bem.*

W: *Mas nem isso eu consegui fazer. Não deixei uma carta. Deixei a TV e as luzes ligadas. Ninguém deveria ter percebido, seria apenas um velho enrolado nos cobertores. Minha mulher ficaria bem. A longo prazo, ficaria melhor como viúva do que como minha esposa. Ela era esposa do diretor-executivo e agora, entra pela porta como qualquer um. Diga-me, Paul, todos no hospital já sabem?*

P: *Não, encobriram tudo assim que você chegou.*

A análise do diálogo acima transcrito revela o sentimento de “mal-estar difuso e invasor, de um sentimento de vazio interior e de absurdo da vida”, conforme explicita Lipovetsky (2005, p. 56) acerca do sofrimento psíquico experimentado na pós-modernidade. Walter tenta suicidar-se, evidenciando uma existência vazia em face ao desmoronamento de sua vida profissional, na qual ele envidou todos os seus esforços, deixando a segundo plano seus relacionamentos afetivos e construções emocionais, posto que Walter não tem relações estreitas com amigos ou mesmo com sua esposa, além do relacionamento com os filhos ser muito ruim. Nota-se assim que Walter sente-se refutado em sua noção de identidade, de “ser no mundo”, uma vez que não há mais nada pelo o que valha a pena viver, dada a sua situação de fracasso profissional.

Lash (s/d) citado em Lipovetsky (2005) reflete que na atualidade as relações afetivas caracterizam-se por serem extremamente frágeis e instáveis. Por este motivo, há uma tentativa de desapego emocional e de independência afetiva, de não querer “sentir nada” e de ser indiferente para não sofrer. Desta forma, “morrer” para Walter, parece evidenciar a tentativa de sublimar este vazio experimentado em sua vida, a tentativa de “não sentir”, de não experienciar o momento em que ele encara este vazio face-a-face, pela primeira vez.

Ademais, observa-se a preocupação de Walter com a repercussão que sua internação pode causar na mídia, além da crença de que sua mulher ficará melhor sem ele, por agora não ser mais a esposa de um homem de sucesso. Estes sentimentos de Walter vão de encontro à necessidade de obedecer na pós-modernidade a uma imagem relacionada ao espetáculo (Debord, 1997), na qual se prioriza a representação em detrimento da experiência real do indivíduo. Há uma supervalorização da imagem das pessoas, das aparências e das ilusões produzidas por uma vida baseada excessivamente no poder do capitalismo.

Na sexta sessão, Walter consegue liberação do hospital para ir ao consultório de Paul e realiza a última sessão de psicoterapia, que constitui também o último episódio do seriado estudado referente à problemática de Walter.

W: *O que teria feito em meu lugar? (Referindo-se à sua tentativa de suicídio.)*

P: *Consigo entender como é doloroso. Como lhe pareceu insuportável e sem fim. Naquele momento, pensou ter encontrado a solução. Uma saída daquela situação desesperada. Mas acredito que a pior noite da sua vida já passou, você sobreviveu. De alguma maneira, o vazio que ainda sente, ainda pode ser preenchido.*

W: *Eu tentei lutar, lutar para parar de sentir. Simplesmente parar de sentir. Como se houvessem dois Walters. Um forte, como eu sempre fui, capaz de sair de qualquer adversidade. E outro, fraco, que eu nem sabia que existia.*

P: *Compreendo. Este Walter fraco é justamente o que perdeu o emprego.*

W: *Exato. Eu desapontei a todos. Eu não tinha o direito de falhar desse jeito. Poderia acontecer com qualquer um, mas não com Walter Barnett.*

P: *Tenho a impressão, Walter, de que você está irritado consigo mesmo por não ter suportado à pressão, mas espanta-me como conseguiu suportar por tanto tempo. Como se o Walter que você conhece estivesse na linha de batalha todo o tempo, cuidando de tudo e de todos. Mas, sem esta montanha de responsabilidades, o outro Walter está perdido, ele não sabe o que fazer quando não está no comando.*

W: *O que está querendo dizer?*

P: *O Walter que você nem sabia que existia. O menino de seis anos que está sentado sozinho, esperando que alguém o note, que o compreenda e o reconforte. Talvez, essa seja a chance de realmente conhecer esse menino e se reconectar com esta parte esquecida de você. (Walter nesse momento sente-se profundamente tocado e começa a chorar compulsivamente, como nunca o fez nas sessões anteriores. Paul se aproxima e toca-lhe no ombro. Walter continua a chorar e a abraça Paul.)*

A atitude dialógica observada no trabalho terapêutico de Paul, conforme demonstram as falas acima, traduz uma abertura à experiência de vazio vivida por Walter, que consegue através da terapia conscientizar-se desta experiência. Para Holanda (1998), a terapia de

abordagem dialógica considera que a partir desta conscientização acerca dos próprios sentimentos, é possível ao terapeuta “acessar o ser humano em sua totalidade e criar um novo mundo, um mundo de pessoas em relação” (p. 234), no qual as máscaras são retiradas e os papéis estabelecidos são descartados.

Uma vez que a proposta da psicoterapia de abordagem dialógica é proporcionar a mudança através do encontro (Hycner, 1995), nota-se que esta sessão de psicoterapia representou um momento de encontro genuíno entre cliente e terapeuta, pois houve a vivência do “entre” da relação, sendo cada sujeito profundamente tocado pelo outro. Paul sente-se tocado pela experiência retratada por Walter e este se sente tocado pela confirmação de Paul, que verdadeiramente tenta viver a sua dor como ele vive, além de aceitar a sua história e seu sofrimento, buscando com ele alternativas de sobrevivência psíquica.

É possível inferir também que Walter tenha se conscientizado da possibilidade de ter objetivado ou “coisificado” a si mesmo durante muito tempo – o que reflete a verdadeira atitude “Eu-Isso” exacerbada em sua existência: sua vida só tinha sentido em razão de seu trabalho e da sua imagem de homem bem sucedido na sociedade, sendo as relações com o mundo relegadas a segundo plano. O diálogo exercitado na terapia com Paul o levou então a experienciar a plenitude da relação “Eu-Tu” e desta maneira a clarificação pôde ocorrer, sugerindo mudanças e a possível transformação psíquica.

De acordo com Holanda (1998), o momento “Eu-Tu” perfaz um instante de integração, aceitação pessoal e também do outro, com o qual a pessoa não se percebe apenas como um indivíduo, isolado e destacado das relações, mas essencialmente uma pessoa em contato com outras pessoas.

Finalmente, o choro emocionado de Walter ao final do episódio sugere um momento de conscientização dos próprios sentimentos de vazio e desespero, indicando uma relação

profunda estabelecida com o terapeuta, o qual favoreceu, ao longo das sessões e enfatizando uma postura dialógica, para que as mudanças psíquicas ocorressem.

A partir da análise dos diálogos apresentados, buscou-se a compreensão do contexto social e cultural vivenciado por Walter, contexto este que podemos chamar de pós-modernidade, conforme observado pela literatura utilizada nos capítulos anteriores. A supervalorização da satisfação material, do *status* e de uma posição de notoriedade social em detrimento das relações humanas foi observada, bem como o sofrimento psíquico advindo da perda de referência de “ser” do cliente, ocorrida quando este perdeu o emprego e com ele toda a sua representação de vida.

O vazio, a solidão e a sensação de inutilidade tornaram-se evidentes para o cliente ao término do processo terapêutico evidenciado no sexto episódio, possibilitando a ele alternativas de reconstrução da própria história emocional. Foi possível observar ainda a postura dialógica do terapeuta Paul durante as sessões de psicoterapia, corroborando a natureza relacional da terapia em busca de uma construção realizada lado a lado, no encontro estabelecido entre terapeuta e cliente.

Trata-se, no que concerne ao processo terapêutico analisado, de uma “série de passos que se aprofundam progressivamente à medida que a terapia se desenvolve”, conforme diz Hycner (1995, p. 124), nos quais terapeuta e cliente engajam-se “em níveis existenciais cada vez mais profundos”. Assim, sentindo-se aceito em seu sofrimento e respeitado como ser humano através da atitude dialógica de Paul, Walter entrega-se ao choro ao final do último episódio, inferindo-se que o processo terapêutico se constituiu em importante ferramenta para sua conscientização acerca dos próprios sentimentos, clarificando seu mal-estar emocional e psíquico e possibilitando-lhe reavaliar sua história emocional em busca da mudança e resignificação pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise da literatura e dos pressupostos teóricos utilizados neste trabalho, torna-se possível refletir acerca dos aspectos culturais e sociais relacionados à pós-modernidade que influenciam sobremaneira o modo de vida e o comportamento das pessoas na atualidade. Percebe-se que este é um momento em que prevalece um estilo de vida individualista e voltado para o consumo exacerbado, orientando os indivíduos a buscarem mais a satisfação em si mesmos do que nas relações com os outros.

A pós-modernidade representa, assim, a valorização da liberdade de escolha e a vivência das mais variadas experiências pelo indivíduo, o qual encontra na cultura de consumo infinitas possibilidades de satisfação, as quais, contraditoriamente, incorrem em necessidades que jamais podem ser saciadas, conforme explicita Bauman (1998; 2000; 2004; 2007). Assim, o desejo de consumir cada vez mais incorre na noção de “descartabilidade” que permeia nossos tempos: tudo muda muito rapidamente e logo os bens consumidos tornam-se obsoletos, dando lugar à vontade de obter novos produtos, que podem ser mercadorias, coisas, pessoas ou mesmo relações.

Há na contemporaneidade um sentimento de privilégio devido à possibilidade de vivermos como desejarmos e sermos quem quisermos, porém há também uma sensação de luto e profunda solidão que advém do individualismo que nos dirige. Por este motivo, deparamo-nos com o grande paradoxo de nossa época: somos libertos, mas nossa liberdade nos oprime e desnorteia (Guillebaud, 2003).

Ademais, a sensação de efemeridade que o tempo adquire na “hipermodernidade” (Lipovetsky & Charles, 2004), leva as pessoas a lotarem as suas agendas com compromissos, fazendo-as crer que no mundo atual não há tempo a perder.

Cada minuto precisa ser preenchido de alguma forma, pois perder tempo implica em perder dinheiro, confirmando um ideal materialista e consumista supervalorizado na atualidade (Harvey, 1992).

Vê-se que o tempo é sentido como escasso, incorrendo em uma instabilidade instaurada na vida das pessoas, as quais estão cada vez mais angustiadas com a condição existencial que vivenciam: há o desejo pela satisfação instantânea, mas ao mesmo tempo prevalece a incapacidade de viver o presente em plenitude. Os indivíduos estão sempre ocupados, “correndo” em busca do melhor desempenho, indicando assim uma constante aceleração do ritmo de vida (Lipovetsky & Charles, 2004).

Desta forma, buscou-se na realização deste trabalho explicitar as transformações sociais e culturais avultadas na atualidade, nas quais há uma perceptível exaltação da “mercadoria” na vida dos indivíduos, potencializada pelo poder da globalização e do capitalismo em expansão. Trata-se da sociedade do espetáculo retratada por Debord (1997), na qual a valorização do “ter” sobressai-se ao “ser”: as pessoas sacrificam-se para adquirir bens, *status*, *griffes*, corpos perfeitos e poder aquisitivo, ainda que para isso as relações humanas sejam desvalorizadas.

Assim, conforme as discussões levantadas no decorrer deste trabalho, percebe-se que a aceleração do ritmo de vida, a exacerbação do consumo e do individualismo próprios da atualidade favoreceram um contexto de distanciamento no que se refere às relações interpessoais, tornando-as cada vez mais superficiais e desprovidas de sentido. O ser humano depara-se com a sensação de vazio e solidão, refletindo o sofrimento psíquico típico de nossa era: as pessoas preferem esconder-se atrás de uma máscara social, na qual suas aflições emocionais sejam ocultadas. O prazer encontrado no consumo e na valorização do *status* busca sufocar o “sentir”, conforme versa Lipovetsky (2005), de maneira que o vazio e a sensação de “absurdo da vida” sejam ofuscados e devidamente escondidos.

Nesse contexto, buscou-se neste trabalho apresentar reflexões sob o enfoque da psicologia dialógica no que concerne ao sofrimento psíquico evidente no homem da pós-modernidade, cuja capacidade relacional encontra-se claramente diminuída, uma vez que as relações humanas na atualidade parecem focar-se mais na utilidade e na superficialidade do que no interesse genuíno das pessoas em estabelecer um contato saudável e mutuamente gratificante (Hycner, 1995).

Conforme as discussões apresentadas, é possível inferir que essa fragilidade apresentada pelas relações atuais, evidenciada pelo o que Hycner (1995) chama de “diálogo abortado”, deve-se à sensação de intensa vulnerabilidade e sobrecarga de informações da sociedade atual, incorrendo em uma tentativa do indivíduo em refugiar-se em si mesmo, evitando o contato e o diálogo com um mundo vislumbrado como potencialmente hostil e ameaçador. Para Lash (1990), este viver para si mesmo induz a uma refutação do diálogo com o mundo e traduz-se em uma estratégia de sobrevivência emocional no mundo contemporâneo.

A proposta da psicologia de abordagem dialógica, conforme procurou-se esclarecer neste trabalho, é resgatar o verdadeiro diálogo entre as pessoas, aumentando a consciência do indivíduo acerca dos seus próprios sentimentos e emoções, diminuindo sua necessidade de defesa emocional e tornando-o capaz de estabelecer relações mais saudáveis e plenas consigo mesmo e com as outras pessoas.

Vê-se então que o genuíno diálogo entre as pessoas pode ocorrer quando uma pessoa tem em mente o outro, concebendo-o como um ser único e mantendo-se interessada em estabelecer uma relação mútua e viva com ele. O outro retribui esta atenção e portanto torna-se real o encontro entre as duas pessoas, conforme versa Buber (1965a), citado por Hycner (1995).

Buscou-se ainda, no decorrer deste trabalho, discutir a proposta dialógica no que concerne ao trabalho terapêutico, a fim de que mudanças significativas na capacidade relacional do cliente possam acontecer. Assim, a aplicação do princípio dialógico na psicoterapia visa estimular uma prerrogativa mais presente do terapeuta na relação, encorajando sua autenticidade e confirmando a pessoa do cliente, além de se afirmar também como ser existente e co-criador da relação (Holanda, 1998).

Trata-se, conforme discorrido nos capítulos anteriores, da busca por parte do terapeuta pela plenitude da relação Eu-Tu com o seu cliente, conforme versa Buber (s/d) citado por Holanda (1998). A relação Eu-Tu define uma maneira própria de uma pessoa se relacionar com o mundo, comprometendo-se essencialmente com a condição humana do outro e estabelecendo um interesse real por sua história. Em outras palavras, é a busca pelo encontro verdadeiro, pelo “entre” da relação entre cliente e terapeuta que fará emergir mudanças nas relações do cliente com o mundo.

Foi possível perceber, portanto, que a busca pela compreensão das relações humanas a partir da abordagem dialógica na psicologia, incorre na concepção do caráter existencial e histórico do ser humano, conforme discorre Holanda (1998), sendo possível assim, vislumbrar a transcendência do individualismo - tal qual o conhecemos no mundo pós-moderno, de maneira a emergir a genuína singularidade surgida do relacionamento verdadeiro com os outros.

Evidencia-se então, a busca pelo estreitamento das relações humanas e o resgate do diálogo através da terapia dialógica, podendo o indivíduo refletir acerca de seus valores e princípios, de maneira a suscitar mudanças de atitude para consigo e com o mundo, a fim de relacionar-se de forma mais consciente e presente, menos superficial e vazia.

Importante ressaltar que este trabalho não objetivou determinar soluções para as adversidades emocionais vivenciadas na pós-modernidade, nem tampouco explicitar maneiras

ideais de sobrevivência psíquica no mundo contemporâneo. O que foi buscado em decorrência das reflexões instauradas pela revisão da literatura e pela análise dos diálogos apresentados, foi compreender as transformações sociais ocasionadas pelo desenvolvimento da sociedade pós-moderna e as possíveis implicações psicológicas advindas destas modificações nas vidas dos seres humanos. Além disso, tentou-se recorrer à reflexão trazida pela psicologia dialógica neste contexto cultural, de maneira a vislumbrar alternativas de mudanças no que concerne às relações humanas, buscando estreitá-las e torná-las mais gratificantes.

Finalmente, com a realização deste trabalho percebeu-se que a psicologia tem muito a contribuir no que se refere à problemática advinda das transformações sociais presenciadas na contemporaneidade, colaborando para o entendimento do sofrimento e do mal-estar vivenciados no mundo atual e organizando alternativas de mudança de comportamento e transformações pessoais, incorrendo em maneiras mais saudáveis e menos dolorosas de se viver consigo mesmo e com os outros.

Nesse sentido, uma vez que os profissionais de psicologia se engajem mais na compreensão das problemáticas sociais, buscando compreender e questionar a realidade, será possível formar profissionais cada vez mais capacitados para entender e amenizar o sofrimento psíquico trazido pelos clientes em decorrência da atual ordem social, econômica e cultural. Aprender o mundo é também uma forma de agir para transformá-lo. Em outras palavras: “compreender aquilo a que estamos fadados significa estarmos conscientes de que isso é diferente de nosso destino” (Bauman, 2000, p. 242).

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. M. Gama & C. Martinelli. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997.).
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. P. Dentzien. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2000.).
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. C. A. Medeiros. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2003.).
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. C. A. Medeiros. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2005.).
- Berman, M. (1987). *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. C. F. Moisés & A. M. Ioriatti. (Trad.). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1982.).
- Castañon, G. A. (2007). *Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico*. *Memorandum Revista Eletrônica*, nº 12, pp. 105-124. Recuperado em 18 de junho de 2010, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.htm>
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. E. S. Abreu. (Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto Editora LTDA. (Trabalho original publicado em 1992.).
- Friedman, M. (1995). Prefácio. Em R. Hycner. *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. (pp. 9-13). São Paulo: Summus Editorial.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. R. Fiker. (Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Trabalho original publicado em 1990.).
- Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. M. Lopes. (Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Trabalho original publicado em 1992.).
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. P. Dentzien. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1999.).
- Guillebaud, J.-C. (2003). *A reinvenção do mundo: um adeus ao século XX*. M. H. Kühner. (Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 2002.).
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. T. T. D. Silva & G. L. Louro. (Trad.). Rio de Janeiro: DP&A Editora. (Trabalho original publicado em 1992.).
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. A. U. Sobral & M. Stela. (Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1989.).
- Holanda, A. F. (1998) *Diálogo e psicoterapia. Correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos LTDA.

- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. E. P. Z. Gomes; E. Chagas; M. Portella. (Trad.). (3ª ed). São Paulo: Summus Editorial Ltda. (Trabalho original publicado em 1988).
- Hycner, R. & Jacobs, L. (1997). *Relação e cura em Gestalt-terapia*. E. Plass & M. Portella. (Trad.). São Paulo: Summus Editorial Ltda. (Trabalho original publicado em 1995).
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. M. E. Cevasco. (Trad.). São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1991.).
- Lash, C. (1990). *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. J. R. M. Filho. (Trad.). (5ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1984.).
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. M. Vilela. (Trad.). São Paulo: Barcarolla. (Trabalho original publicado em 2004.).
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio*. T. M. Deutsch. (Trad.). São Paulo: Editora Manole. (Trabalho original publicado em 1993.).
- May, R. (1980a). Fundamentos existenciais da psicoterapia. Em R. May. (org). *Psicologia existencial*. (pp. 81-96). Porto Alegre: Editora Globo.
- May, R. (1980b). O surgimento da psicologia existencial. Em R. May. (org). *Psicologia existencial*. (pp. 1-56). Porto Alegre: Editora Globo.
- Meireles, C. (1982). *Viagem e vaga música*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A.
- Neubern, M. (2004). *Complexidade & psicologia clínica: desafios epistemológicos*. Brasília: Editora Plano.
- Rogers, C. (1980). Duas tendências divergentes. Em R. May. (orgs). *Psicologia existencial*. (pp. 97-107). Porto Alegre: Editora Globo.
- Sennett, R. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Touraine, A. (1994). *Crítica da modernidade*. E. Ferreira. (Trad.). Petrópolis: Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1992.).
- Touraine, A. (2004). *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. C. Meira. (Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 2000.).
- Xavier, E. (1980). Rollo May: A psicologia da condição humana. Em R. May. (org). *Psicologia existencial*. (pp. 13-21). Porto Alegre: Editora Globo.